

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSEMARI KOMARCHESKI

FLUIDEZ, HUMOR DAS ÁGUAS: NARRATIVAS, IMAGINÁRIO E
PERCEPÇÃO AMBIENTAL

CURITIBA

2011

ROSEMARI KOMARCHESKI

FLUIDEZ, HUMOR DAS ÁGUAS: NARRATIVAS, IMAGINÁRIO E
PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Setor de Educação, universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr^a. Andreia Aparecida Marin

Co-Orientador: Professor Dr. Paulo Henrique Carneiro Marques

CURITIBA

2011

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

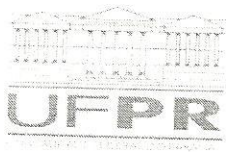
Komarcheski, Rosemari

Fluidez, humor das águas: narrativas, imaginário e percepção ambiental / Rosemari Komarcheski. – Curitiba, 2011.
130 f.

Orientadora: Profª. Drª. Andreia Aparecida Marin
Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná.

1. Educação ambiental. 2. Meio ambiente – Narrativas pessoais. 3. Imaginário – Meio ambiente. 4. Água – meio ambiente.
I. Título.

CDD 372.357



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **ROSEMARI KOMARCHESKI** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR^a ANDREIA APARECIDA MARIN, DR PAULO HENRIQUE CARNEIRO MARQUES e DR. PAULO MANAF, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“FLUIDEZ, HUMOR DAS ÁGUAS: NARRATIVAS, IMAGINÁRIO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a ANDREIA APARECIDA MARIN		Aprovado
DR PAULO HENRIQUE CARNEIRO MARQUES		Aprovado
DR. PAULO MANAF		Aprovado

Curitiba, 18 de agosto de 2011.

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Matr.: 135428

"Para viajar basta existir" disse Fernando Pessoa, e eu aprendi isso durante estes dois anos, fiz descobertas íntimas, fiz auto-análise, evoluí e descobri através das minhas viagens imaginárias e das recordações, que as transformações são necessárias, que precisamos fluir como a água... Dedico esta obra à duas pessoas maravilhosas que me ajudaram a deslumbrar este mundo fluído que estava ofuscado diante dos meus olhos...

Aos Professores e amigos Andreia e Paulinho que me orientaram e fizeram parte da redescoberta da minha fluidez...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Ser Supremo que criou este universo maravilhoso e continua nos transmitindo energias para perseguir o nosso ideal.

Aos meus Pais, que suportaram as minhas ausências, as minhas intolerâncias, que mesmo sem saberem direito o que estava fazendo me apoiaram.

Minha irmã Rosilene que sempre ouvia as minhas queixas e me consolava, que além de irmã é uma grande amiga.

Aos meus filhos Richard, Haldane, Darwin e Willian que me apoiaram e nunca reclamaram da solidão e da falta que sentiam da mãe.

Aos amigos que não visitei ou não aceitei sua companhia para sair porque tinha que estudar.

Ao meu companheiro Ednilson (In Memórian) que na sua companhia sempre tive incentivos para seguir meus sonhos.

Ao Professor e amigo Paulinho que me incentivou a fazer o mestrado e sempre acreditou na minha capacidade.

À Professora Andrea que aceitou me orientar, compreendendo as minhas dificuldades e limitações, mas ao mesmo tempo me desafiando com novas visões de mundo.

Aos Professores Cristina Teixeira, Claudia Cunha e Andre que contribuíram para a nossa formação durante as disciplinas do Mestrado.

Aos Professores da UFPR Litoral que me ajudaram nesta caminhada, principalmente a Professora Liliani e o Professor Antonio Serbena.

Aos meus amigos de Mestrado Cláudio e Mariene, pessoas com quem compartilhei momentos felizes e as vezes conflitantes.

Aos funcionários da secretaria do PPGE que sempre nos auxiliaram nas dificuldades burocráticas acadêmicas.

RESUMO

Este é um trabalho sobre percepção ambiental, composto com narrativas como forma de dar visibilidade à percepção de ambientes aquáticos. Através das narrativas, com componentes autobiográficos, evidenciam-se relações topofílicas e sua força na forma como o mundo é percebido, vivido, experimentado cotidianamente. A escrita é apresentada em três momentos: no primeiro capítulo *O mundo narrado*, é feita uma breve apresentação sobre o tema das narrativas e de sua relação com a educação; em *Do mundo... Percepções*, são apresentadas as narrativas, orientadas pelos humores das águas, acompanhadas de breves considerações sobre seus significados para a leitura da percepção ambiental; no terceiro capítulo, *Da escrivantina... Diálogos*, estão presentes algumas discussões sobre as percepções evidenciadas e a complexidade da interação do ser humano com o mundo vivido.

Palavras-chave: Percepção ambiental. Imaginário. Narrativas. Educação ambiental.

ABSTRACT

This is a work on environmental perception, compound with narratives as a way to give visibility to the perception of aquatic environments. Through narratives, with autobiographical components, make sure *topofilicas* relations and its strength in the way the world is perceived, lived, experienced daily. The writing is presented in three moments: in the first chapter the world narrated, is made a brief presentation on the theme of the narrative and its relation to education; in the world ... Perceptions are presented as narratives, driven by the moods of the waters, accompanied by brief considerations on their meanings to the reading of environmental perception; the third chapter of the desk ... Dialogues, there are some discussions about the perceptions and highlighted the complexity of human interaction with the world lived.

Keywords: environmental Perception. Imaginary. Narratives. Environmental education.

SUMÁRIO

Para Introdução	10
De onde parto.....	11
Narrando percepções.....	12
Que derivas me conduzem à sedução aquática?.....	14
Na cadência da história.....	18
Parte I. O mundo narrado	20
Parte II. Do mundo... Percepções	33
Impressões, Vivências	36
Infância das águas.....	36
Segredos; águas escondidas.....	37
Revelações; nascentes.....	38
Imprecisões, caminhos; rios.....	38
A gota; águas acalentantes.....	40
Sobre percepções infantis.....	41
Humores, Devaneios	45
Águas tranqüilas (O Zen das águas).....	48
Águas sinuosas.....	49
Águas que agarram.....	49
Águas torrenciais.....	51
Águas secas, águas ausentes.....	52
Águas ricas.....	52
Águas sagradas.....	53
Águas sujas.....	54
Águas misteriosas.....	55
Águas Paradisiacas.....	56
Sobre percepções de Humores e Devaneios	58
Concretudes, retornando à infância	65
O poço.....	65
Água de beber.....	66
Água de lavar.....	67
Urbanidade, retornando à adultice	75
Continho de uma pequena urbanóide.....	75
Águas tristonhas, para onde foi a fluidez.....	76
Percepções em concretudes e urbanidades	81
Parte III. Da escrivantina... "diálogos"	87
Considerações finais	117
Referências bibliográficas	121



'Chamam por mim as águas

Chamam por mim os mares

(Álvaro de Campos
/Fernando Pessoa)

Para introdução...

De onde parto...

...De uma mobilidade inquietante que quer ser dita. Sem justeza, justificações, sem cortes. Lapidada por seus próprios acidentes, pelas forças com que invade nossos sonhos. A água não pede licença, mas compensa-nos: também não resiste. Compõe livre e nos toma em movimentos imaginantes, em devaneios persistentes. Impressões. Humores. Devaneios e Concretudes.

Desafio: falar a água sem represá-la. Componho com os (in)significantes dos lugares onde experimentei a sua intensidade. Fotos e fatos embaçados, sem foco, mais sonoros que visuais.

Da experiência das águas, a imagem que me chega em nuances sutis: fluidez. Impressões de acalanto, de segredos, de imprecisões. Infância eterna. Nada de futuro certo, nada de contornos seguros. Impressões de se deixar ser a medida que cede à deriva.

No fluido imenso, ora denso, ora leve, ora colorido, ora opaco, experimento humores: são águas tranqüilas, tristes, melancólicas, alegres, festeiras, sombrias, misteriosas. Agarram e ameaçam. Dali a pouco se ausentam. Um pouco mais, capturam em cenários luminosos.

Se somos comunicados de um sublime, quase certamente podemos ouvir vozes das águas. Ricas, sagradas, sujas, misteriosas, paradisíacas... Delicadezas alimentadoras de devaneios profundos. Devanear: verbo aquático.

Ainda assim, por vezes, estranhas. Águas são coisas de mato. Nas cidades temos recursos... Cidades são lares de águas tristonhas? Busco lugares onde moram águas, do berço paradisíaco às hostis moradas estáticas. Concretudes: em Rios - da Prata -, em cantos, em canais, em ondas.

Narrando percepções

Este é um trabalho sobre percepções ambientais. Mais, precisamente, sobre como se desenham percepções de ambientes povoados pelas águas.

A água está por toda a parte, em matérias e em imagens. Muito já ouvimos falar sobre a importância que ela tem para a sustentação da vida. Também não é mais novidade o fato dela enriquecer nossas relações afetivas com os lugares que vivemos. Seus sons, suas visibilidades, suas formas de nos envolver são experimentados com uma intensidade bastante singular que faz dela, entre os tetraelementos imagéticos - terra, água, fogo e ar -, alvo de inúmeras composições poéticas e análises filosóficas. Destaque-se, das últimas, as discussões bachelardianas em torno do imaginário das águas que, juntamente com escritas no campo da percepção e educação ambiental, motivaram o texto que aqui apresento.

Há diversas formas de se estudar a percepção ambiental já descritas em trabalhos nos campos da psicologia, da geografia e da educação. Em educação ambiental, vemos frequentemente a questão sobre as formas de apropriação e as expectativas sobre o futuro dos lugares habitados, bem como a compreensão que as pessoas apresentam em seus discursos a respeito de problemas ambientais, serem os pontos de partidas para os estudos de percepção. Mais recentemente, surgiram também trabalhos com análises de textos literários que destacam a forma como alguns grupos humanos desenham, a partir de sua cultura, os lugares vividos. Foi justamente o contato com esses textos que me levaram à possibilidade de tomar a escrita narrativa como forma de expressar as nuances sutis da interação com os lugares e a sua importância para o fortalecimento de laços afetivos com os ambientes.

Tomando os textos narrativos como expressões de onde se poderia extrair uma compreensão a respeito da percepção ambiental, iniciei uma escrita de narrativas autobiográficas que percorrem minhas experiências de interação com os cenários vividos ao longo da minha trajetória histórica, destacando a força do elemento água na construção de ligações topofílicas e de uma preocupação com um empobrecimento estético no destino dos corpos aquáticos nos ambientes urbanos. O trabalho, no entanto, não tem intenções de análises de percepção do ponto de vista psicológico e nem assume um tom crítico característico dos estudos dos problemas ambientais relacionados com a água. Seu mote é, de um lado, apontar a importância do elemento água como enriquecedor das nossas relações topofílicas com os lugares vividos e, de outro, dar visibilidade ao texto narrativo como expressão possível em estudos de percepção.

Que derivas me conduziram à sedução aquática?

Quais céus ou infernos podem afetar quem habita lugares povoados por imagens e sons persistentes das águas?

Na rua de casa, uma nascente. Perturbador... Todos os dias, no meio da rua, tinha uma nascente. Como compor a vida sem ela? Dá pra imaginar a percepção infantil, não enfraquecida por tons ameaçadores de um mundo seco, na rua da nascente? Nuances de uma percepção primordial...

Na cidade em que eu morava não havia escola com ensino médio e eu ia todos os dias estudar em Rio Negro, a 25 Km de distância. Linha Lapa-Rio negro, 6:50 da manhã. Intermináveis viagens repetitivas, com rituais de alegria inventados pra contornar o tédio: o internato de meninos; o correio de bilhetinhos diários, arrumadinhos em sacolas plásticas lançadas das janelas do ônibus. Precisão hilária: às 12 horas as sacolas devolvidas com as respostas.

Então começavam as chuvas, de maio a julho, reproduzindo na minha imaginação adolescente, a história do dilúvio, contada para nós nos ensinamentos do velho testamento. Um mês sem ver o sol e a depressão se instalando... O suplício da sala de aula exacerbado pelo frio e as roupas molhadas.

A primeira experiência de inundação não é só assustadora, mas desnorteante. Estranho ver as águas acalentantes se transmutando em corpos ameaçadores. O Rio Negro transbordando, casas submersas, pessoas desabrigadas.

Passado o impacto da nova imagem, o tom sublime das águas voltava pouco a pouco. Barulho da chuva caindo... Na casa da minha avó materna, várias latas vazias (de óleo de soja) no lugar onde a água caia do telhado; a água batia na lata e este barulho fazia uma melodia que me acalmava, relaxava... Sentia-me protegida da chuva que caia lá fora e dormia. Quando o dia amanhecia, e a chuva

continuava, a preguiça de levantar. O colchão de palhas de milho desfiadas, afofadas pela minha avó, quente e macio; travesseiros e coberta de penas de ganso. Tudo parecia compor o cenário da chuva fria.

Manhãs de inverno, ordenhando vacas, tomando leite quente, passeando pelo mato para catar pinhão e assá-lo na chapa do fogão de lenha. Após um dia de chuva, colher cogumelos brancos, depois refogados com um pouco de óleo e comido com pão. As pessoas, em tempos de chuvas e o frio, acostumadas ao aconchego da casa.

As águas de verão, no seu lugar, eram mais convidativas. Tomar banho no Ribeirão* que ficava na chácara da minha avó. Era um riacho pequeno, raso, com areia no fundo, algumas pedrinhas também. Para nós, pedras preciosas, transparentes como diamantes. Também conseguíamos ver pequenos peixinhos brincando nas bordas longe da correnteza.

Passada a euforia do verão, a percepção do incômodo da seca da região. A poeira tomava conta do local, os poços empobreciam. De águas cristalinas a águas barrentas, em poucos dias, que minha mãe reservava para lavar louças. Naquela época não havia água tratada nas cidades do interior e o fornecimento de água para a população se dava por meio de poços; cada família tinha o seu, ou, em alguns lugares, bicas ou nascentes. O maior gasto de água na época era com a lavagem das roupas. Para realizar esta tarefa, minha mãe e minha avó, iam lavar roupa no rio. Elas já deixavam lá um tambor cortado ao meio, o qual poderia servir como tanque de roupa. A esfregadeira era levada toda vez que precisavam usá-la. Para levar a roupa, elas usavam um carrinho de mão, destes que são usados por pedreiros ou jardineiros. Para mim, uma diversão. Íamos bem cedo e levávamos lanche, porque só voltávamos após ter acabado o serviço.

Uma vez por semana, eu acompanhava minha avó até a casa da bisavó Valéria. Ela morava a 4 km de distância, e nós utilizávamos um carreiro no meio do mato que passava por várias chácaras. Normalmente saíamos logo após o almoço e voltávamos na "boca da noite". Encontrávamos pelo caminho várias árvores com frutas: araçá vermelho, araçá amarelo, gabirolva, amoras silvestres brancas e vermelhas, pitangas, ingá, jaboticaba e outras. Um pouco antes de chegar à casa da Bisavó Valéria, nós passávamos por uma tapera*, onde tinham várias árvores de frutas como laranja, limão, maçã, mimosa e pêra. Quando chegávamos lá na casa da Bisavó, Bati da Vila, como era carinhosamente chamada por mim, éramos recebidas com uma mesa de café saudável, contendo produtos de sua chácara, como broa de centeio, nata, manteiga, requeijão, doce de abóbora, doce de pêsego, doce de pêra, geléia de uva e laranja, mel, coalhada, ovos fritos inteiros e leite puro. Ao final da tarde, voltávamos sempre carregadas com guloseimas e principalmente com a broa de centeio que minha "Bati" fazia especialmente para mim.

Outros tempos... Amanhece às 6:50 horas, quando o sol desponta no horizonte entre as nuvens escuras. Era difícil prever com precisão se iria chover novamente ou não, mas era fácil perceber como a temperatura estava baixa. A pele do rosto desidratada; sentia uma espécie de dor ao enfrentar este clima meio bruto. Deixar na casa o fogo ardendo nas lenhas do fogão, aquele cheiro de madeira queimando, fumaça agradável. O café quente no bule em cima da chapa do fogão.

Portão afora, a procura de algum conforto. À medida que me aproximava do rio e sua várzea a umidade aumentava. Começava uma neblina densa, quase como uma garoa, que molhava a roupa e o corpo. A proximidade com a água que

evapora dos rios e charcos subindo para a atmosfera me agarrava, me envolvia, e o líquido sussurrava: "Olhe, estou aqui! Não pode fugir de mim!".

A caminho do trabalho... Espero o ônibus, vejo algumas crianças indo para a escola. Um deles usava uma galocha de borracha e, quando encontrou uma poça de água que restou da chuva da noite anterior, não resistiu e pisou nela. Outro menino quis imitá-lo, mas não tinha calçados impermeáveis e, temendo a censura da mãe, controlou-se. Eu, adulta, procurando um lugar seco pra pisar... Enquanto isso, em alguma prescrição, um terapeuta devia estar receitando banhos de imersão em lama.

O ônibus chega. Entrei e, apesar de estar praticamente vazio, por ser muito cedo, sentei no meio do veículo, porque é um lugar melhor para ler. Mas eu não estava com vontade de me dedicar à leitura. Assim dediquei os quinze minutos de viagem observando os passageiros. São quase sempre os mesmos, pelos menos três deles, e todos parecem ser trabalhadores noturnos, pois estão aparentemente sempre cansados e sonolentos. Um é um senhor de idade bem avançada, percebe-se isso através de sua aparência, cabelos bem brancos, e a pele do rosto bem marcada pelo tempo, com muitas rugas. Fico pensando que uma pessoa naquela idade deveria ter uma vida mais tranqüila, e não trabalhar durante a noite. Comecei a olhar para um senhor de uns quarenta anos, um homem alto, moreno com um corpo bem atraente, ele sempre desce antes de mim em uma banca que tem ao longo da BR. Ele deve ter uma esposa que sente sua falta durante as noites em que ele está trabalhando.

Desci como sempre no último ponto, ainda tinha que andar uns 500 metros até chegar à escola. Primeiro, passo pela descida íngreme que acaba em um carreiro usado pelos moradores para diminuir o caminho. Então atravesso um córrego, e tudo ali me parece tristonho. Tem uma casa cujo canto do muro acaba

dentro do rio. Parte dele já está canalizada; alguns trechos foram represados para formar tanques de peixes e, em outros lugares, ele serve como canal de esgoto. Imagino o local no futuro: chuvas intensas, enchentes. Ocorre-me que a velhice dos rios pode ser tão triste como a dos trabalhadores no ônibus...

Na cadência da história

Em dois tempos e o trajeto logo revela: há uma riqueza de sutilezas na infância vivida entre poças, ribeirões, chuvas acalentantes e uma rotina regradada pela busca de águas de beber, de lavar, de banhar, que parece se simplificar e reduzir em um ambiente onde a água se esconde ou é irreversivelmente encerrada nas estruturas de uso, tornando-se mais recurso subserviente a interesses de funcionalidade que elemento supridor da vida e fonte de tantas imagens e sensações infantis.

Não seria exagerado destacar: que a sensibilidade diante das pequenas coisas dos cenários vividos - a lata d'água, as frutas suculentas, a mesa posta, a umidade do ar chegando à pele, a brincadeira na poça, a lida de trabalho na beira do rio - parece se enfraquecer diante do rude e homogêneo ambiente urbano. Como se um jeito visceral de estar ligado ao lugar vivido cedesse a uma ocupação impessoal do espaço.

Por mais difícil que fosse a vida em um ambiente que solicitava a animalidade do ser humano, a ponto de requerer seu corpo para uma volição que o enraizava nas rotinas de sobrevivência, o mundo parecia ali mais amplo, mais vivo, mais fluido. O destino da água nos ambientes urbanos parece se assemelhar ao destino de nossa sensibilidade e da destreza de nosso corpo: desempenham

funções, mas parecem distanciados de uma volição que era o berço da riqueza de imagens que alimentavam os laços afetivos com os lugares vividos.

Não haverá, nessa escrita, uma negação da possibilidade de se constituírem novos significados afetivos para os rios encerrados em canais, mas será inevitável deixar transparecer a sensação de águas tristonhas cortando as urbanidades.

É desse ponto de partida que avanço: penso que a breve narrativa apresentada anteriormente não se furta à leitura de percepções ambientais. Para além disso, penso que não permite apenas o destaque de uma percepção demasiadamente subjetiva, uma vez que se foca em composições autobiográficas, mas o compartilhamento de inúmeras sensações e imagens por quem viveu a experiência de modos de viver diversos entre o campo e a cidade.

Na cadência de histórias factuais ou fictícias, vou apresentar ao longo deste trabalho, a leitura de percepções, enfatizando a força das construções imaginárias das águas na relação com os ambientes. O percurso começa com a indicação do papel dos textos narrativos na compreensão das interações homem-ambiente e na formação humana. Na sequência, dou lugar às histórias acompanhadas, sempre que possível, da recuperação do tema da percepção. Ao final, transito por reflexões sobre a força do imaginário da água na percepção ambiental e as formas como tais imagens motivam diferentes modos de interação com os lugares vividos.

Parte I. O mundo narrado

As narrativas têm papel fundamental na sociedade. Imaginemos o que seria da história humana se não houvesse narrativas orais, posteriormente registradas por alguém, sejam em pergaminhos, papiros ou paredes de cavernas. Como a humanidade teria evoluído sem a preservação de conhecimentos produzidos por outros seres?

Para além dessa importância documental, a escrita narrativa pode significar um processo catalisador de auto-compreensão, bem como de compartilhamento por outros que tenham feito experiências de vida semelhantes. Essa potencialidade de fazer com que o texto revele a quem escreve, ou a palavra clareie a quem conta a história, faz da narrativa uma rica experiência de formação, motivo pelo qual tem sido recorrentemente empregada em pesquisa educacional. Neste campo, o tema e a prática das narrativas foi introduzido em meio a um discurso bastante marcado pela perspectiva marxista, o que explica o fato de ser tomado como meio de auto-reflexão visando um exercício de transformação da sociedade e emancipação do sujeito. Isso explica o fato de vermos comentários sobre o potencial das narrativas focados num interesse crítico, como podemos encontrar na citação abaixo:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo. (CUNHA, 1997, p.04)

O termo emancipatório encontrado na fala de Cunha já nos revela bastante do interesse que essa via de pesquisa educacional tem nas narrativas. Parece se tratar de um interesse claramente instrumental, em que o sujeito escreve para se analisar, para, mediante sua escrita, rever suas posições e emancipar-se. A expressão "é preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio" confirma essa expectativa.

É possível compreender porque as narrativas, que a princípio apontam para processos criativos e experiências estéticas tão singulares, sejam tomadas como mero instrumento de auto-análise em um meio discursivo orientado pelo teor crítico. Se fizermos um levantamento, com alguma preocupação cronológica, dos trabalhos com narrativas no campo educacional, veremos que a entrada pela discussão da formação de professores se destaca. Sabemos que essa discussão está sediada na abordagem histórica-crítica, o que justifica a tomada das narrativas como instrumentos de formação reflexiva.

Tendo isso claro, é importante demarcarmos aqui que trazemos algumas idéias e experiências sobre a incorporação das narrativas nesses trabalhos no sentido de tornar visíveis as potencialidades da experiência narrativa no campo educacional. Não obstante, nosso interesse nessas experiências é a possibilidade de dar visibilidade às formas como o sujeito percebem o mundo onde se insere, mantendo-nos distanciados do interesse analítico e do discurso crítico. Se alguma servidão da escrita narrativa a nossos anseios, é puramente de que ela nos coloque diante de nossas próprias percepções de mundo e nos faça experimentar os afetos que permeiam essas percepções

Se as narrativas têm o poder de motivar a auto-reflexão, então podemos considerar que também conseguem elucidar as formas de interação do sujeito com seu meio, revelando a ele a motivação e reflexo de suas ações no espaço

vivido. Nesse sentido, escrever ou contar histórias de vida, é uma forma de colocar diante de si experiências carregadas de afetividade que possuía para com os seus lugares e imagens ricas de significados que perduraram ao longo do tempo. As relações topofílicas, designadas por Tuan (1980), como relações marcadas pela atração que as pessoas têm para com singularidades dos lugares vividos, podem ser comprovadas através de grande quantidade de obras líricas que retratam os ambientes diversos. Este fato é verificado em todos os países, desde a época em que surgiram os primeiros registros escritos ou desenhados.

Uma mesa, uma cadeira, um computador ou um pedaço de papel com uma caneta, acompanhada de um copo de café ou chá... Não importa a maneira com que se dispõe ao exercício de contar histórias, o registro das narrativas autobiográficas será sempre um trabalho difícil, que muitas vezes pode até machucar, trazer lembranças doloridas, outras felizes. O mais importante é que esse exercício não se resume a um retorno nostálgico ao passado, mas coloca quem dele faz a experiência numa ação presente que aponta para a possibilidade de novos destinos. Antes de serem meras recordações, as narrativas autobiográficas são exercícios de reflexão, de auto-análise, de introspecção. Na presente escrita, de busca das percepções da criança perdida na paisagem transformada. Faz-se a busca não para ficar ali, onde o passado está povoado de sentidos, mas para enxergar-se em processo, para compreender os novos fatos e a interação com os novos lugares como desdobramentos dos anseios do passado e lançar-se ao futuro passível de ser desenhado pelos desejos presentes.

Durante minha procura para relembrar e narrar passagens autobiográficas relacionadas às vivências aquáticas, brotou uma vontade imensa de rever os lugares da minha infância, o que me levou a uma viagem real-imaginária, que eu esperava me conduzisse a um novo olhar sobre a forma como hoje estou lançada

no mundo cotidiano. Apesar do interesse não estar focado na recuperação do passado, não posso negar que a viagem aos lugares da infância tenha despertado alguma decepção por encontrar lugares ausentes em um espaço radicalmente transformado. As matas não existiam mais, o rio que ficava atrás da minha casa, agora não passa de uma vala por onde corre um fio de água tristonho, no lugar da casa do Nhô Joaquim há uma borracharia, e o Nhô Joaquim e Nhá Maria já morreram. A casa da minha Bisavó está toda transformada, o moinho de trigo não existe mais, e as broas de centeio que eu comia ficaram guardadas nas lembranças da minha infância.

Percebi através destas buscas que meus lugares felizes estão transformados, assim como eu sofri transformações através de todos esses anos. Ao visitar dois lugares muito tristes para mim, os rios onde morreram meu Tio Miguel e meu Avô Pedro, percebi que lá a urbanização ainda não chegou, e estes lugares estão mais preservados. Ironia ou não, o tempo encarregou-se de conservar lugares tristes e transformar os felizes.

Com este recurso de retrocesso no tempo, é possível verificar as mudanças sofridas não somente nos espaços, mas também na maneira como as pessoas fazem uso deste ambiente, uso mediado por valores éticos, sociais, morais. Chama-me atenção também a mudança de hábitos alimentares: antes, as famílias tinham suas hortas onde sempre havia uma verdura fresca para fazer uma salada, ou então a alegria das crianças em subirem nas árvores para apanhar frutas, a liberdade de brincar no mato; hoje isto é "perigoso", as crianças não sabem andar mais no mato, não sabem como se defender de uma aranha ou uma cobra, não sabem distinguir uma fruta silvestre de um veneno nocivo disfarçado. Contornando o infrutífero conflito entre a cultura do passado e do presente,

tento usar essas comparações para compreender o distanciamento que existe nos discursos de gerações com hábitos tão distintos.

Depois de percorrer novamente estes caminhos através das narrativas consegui entender a discrepância entre os meus conceitos ambientais e os dos meus alunos. A lacuna estabelecida deu-se exatamente na diferença da infância e das experiências vividas; não é somente o tempo físico que separa gerações, mas a maneira como cada ser experimenta os espaços habitados e compartilha neles sua vida. Perez afirma que através das narrativas o professor passa a ocupar um papel central como narrador e protagonista de sua própria vida: "a narrativa autobiográfica é um texto vivo, um texto que revela modos de pensamento e reflete formas de organizar, criar e recriar cotidianamente o mundo." (PEREZ, 1999. p.02).

A nossa trajetória é construída de pequenos fragmentos, experiências, da convivência com algumas pessoas, de aprendizados muitas vezes duros e marcantes. Em todas essas vivências, não obstante alguns condicionamentos, temos a possibilidade de constituirmos a continuidade de nossa história. O compartilhamento dos projetos de existência colocam nossos anseios em condição de realização e de arquitetura do mundo.

Revisitar os marcos genéticos desses projetos de existência significa a oportunidade de compreender os reflexos de nossos anseios no mundo, além de perceber sua construção como ação social. Sendo a experiência o ponto de partida da narrativa, as recordações, felizes ou tristes, são fundamentais para abordar fatos esquecidos ou latentes em nossa memória e assim ressignificar passagens marcantes em nossa história como protagonistas e narradores ao mesmo tempo. A busca desse conhecimento, que tem como vantagem a

visualização da história de vida de dois pontos de vistas distintos, tem sido reconhecida como uma prática de pesquisa válida em diferentes áreas, como a Educação.

A pesquisa narrativa tem sua aplicação em diferentes campos do conhecimento, em especial na área da Educação, e diferentes abordagens de pesquisa. Para pesquisadores narrativos, o mundo pode ser entendido e estudado de forma narrativa, tendo a experiência das pessoas como ponto central, porque o pensamento narrativo é uma forma fundamental de experiência e também uma forma de escrever e refletir sobre ela. (GALIAZZI, 2008, p.173)

A facilidade com que as sutilezas, os detalhes importantes da nossa história, vêm à tona na escrita narrativa significa uma oportunidade alternativa a textos analíticos que parecem comprimir a história numa interpretação possível da própria história. A fluidez das histórias contadas parece, de fato, um facilitador na tentativa de dar visibilidade às subjetividades e ao teor afetivo da projeção do ser humano sobre o mundo.

Lendo a reflexão de Galiazzi, me lembro de uma experiência muito significativa que vivi na década de 80, quando estavam construindo a Hidrelétrica de Itaipu. Fazia pouco tempo que meu pai tinha conseguido comprar um aparelho de TV, e nós assistíamos as novelas e o jornal televisivo. Todo dia aparecia uma reportagem sobre as Sete Quedas do Iguazu que seriam encobertas pelas águas que formariam a Usina. Eu, na minha pouca idade, ficava muito triste vendo aquela maravilha criada pela natureza ser destruída e com um sentimento misto de dúvida e revolta por saber que me impediriam de conhecer aquela cachoeira gigante. Esta foi uma experiência muito marcante e decisiva na minha trajetória de vida. Ao relatá-la, compreendo as origens de minhas intenções presentes e da percepção que hoje tenho de que o lugar em que vivo e em que poderia viver é

resultado de ações humanas, muitas vezes alheias aos desejos de quem teria o direito de participação nas decisões.

Brandão consegue mostrar o poder que as narrativas exercem na formação do indivíduo: "a abordagem narrativa da experiência de si envolve a consideração de matriz relativista de que o conhecimento que as pessoas constroem sobre si mesmas é produzido de forma negociada e depende dos contextos de interação social". (BRANDÃO, 2009, p.07). Isso significa que duas pessoas que tiveram as mesmas experiências, mas viveram em contextos sociais diferentes, vão construir trajetórias diferentes e, conseqüentemente, valores diferentes. Nesse sentido, torna-se evidente a necessidade de projeções compartilhadas sobre o mundo e, ao mesmo tempo, de se compreender que a matriz dessa projeção é conflituosa, uma vez que os interesses e relações afetivas das pessoas em relação a um lugar não são necessariamente compatíveis.

... A forma narrativa fornece a estrutura ou arcabouço que permite à pessoa conferir sentido às experiências pessoais e coletivas, incluindo a ideia que faz sobre si mesma ao longo da vida. As narrativas ordenam o vivido, construindo as regras que organizam a memória do passado e orientam a consciência atual do narrador e a sua função futura. (BRANDÃO, 2009, p.08)

A necessidade de ordenar o vivido, não no sentido de sistematizá-lo como a um conteúdo de conhecimento, mas de colocá-lo em destaque na teia de significações dos fatos, foi o ponto de partida deste trabalho. A revisitação da história como motivador de uma compreensão das percepções originadas em experiências compartilhadas é o caminho a ser desenhado em função do projeto que, dessas percepções, pode se arquitetar.

O trabalho com narrativas autobiográficas não deve ser avaliado do ponto de vista da análise do valor literário, embora não tenha necessariamente que dele

abrir mão. Deve-se levar em consideração que a narrativa é forjada no interesse de expressão das sutilezas das experiências vividas e não deve ser encerrada numa interpretação crítica, atentando-se para a experiência de quem narra como processo compreensivo. Para além disso, com relação ao presente trabalho, é importante que se considere que a autora é um educadora e, como tal, tem o interesse de refletir sobre suas memórias e analisar a importância que estas tiveram na sua formação docente. Dessa forma, presume-se não ser a autora uma literata, mas sim alguém escrevendo sua história aquática e compartilhando/refletindo suas experiências.

...quando pensamos na pesquisa narrativa como modo de produção de conhecimento, encontram-se pontos de tensão: o lugar da teoria, a quantidade de teoria suficiente para embasar o trabalho acadêmico, o lugar das pessoas e o do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa. Na pesquisa narrativa, o formalismo e o reducionismo não desejados podem se fazer presentes, colocando a narrativa e a experiência em descrédito pelos pesquisadores formalistas e tradicionais ou pelos mais ortodoxos, mas como dito, apresentar uma experiência é ex-por-se ao vulnerável e ao risco de interpretações e tudo isso depende de onde nos observam. (GALIAZZI, 2008, p.175)

Este trabalho iniciou-se de maneira diferente, usando as narrativas autobiográficas em relação a ambientes e experiências aquáticas, para fazer uma auto-reflexão sobre a trajetória percorrida e a influência que ela exerceu na minha formação, para depois buscar fundamentação teórica, não para justificar o trabalho, mas sim refletir sobre ele, estabelecer diálogos que enriquecessem a experiência em vista de vivências futuras.

Ao contrário da pesquisa formal, que é iniciada pela teoria, a pesquisa narrativa começa com os relatos, para que possam transformar-se em experiência. É por isso que a teoria na pesquisa narrativa é vista com os óculos da experiência, que vem em primeiro plano, e com ela se entrelaça, mas não se sobrepõe a ela. As pessoas que participam da pesquisa

narrativa são vistas como constituidores de histórias através das quais também se constituem. São pessoas pertencentes a uma classe, raça ou gênero, porém, o foco da pesquisa está na pessoa em si e na sua experiência pessoal, não nesse pertencimento. (GALIAZZI, 2008, p.176).

Se visito minha história de vida e aqui a compartilho é por entender que minhas experiências foram desenhadas num mundo concreto, em um lugar socialmente construído. Dessa forma, as percepções que se evidenciam nas narrativas são próprias dos meus ambientes vividos com outras pessoas. As significações e imagens que carrego são, muito provavelmente, compartilhadas pelos sujeitos que fazem parte das histórias, possibilitando um entendimento de como nos integramos a nossos ambientes vividos nos dias atuais.

Escolhi um foco que representasse um catalisador da minha escrita - a água - que tem uma grande força simbólica e material na minha relação com os ambientes vividos. Percebi que realmente a água é o elemento fundamental para a minha vida, não só biológica, mas como construção imaginária¹ que funda a minha existência. As experiências mais importantes da minha vida tiveram a presença aquática desde a hora do meu nascimento e por todos os caminhos percorridos, talvez por ter nascido em uma região com muitos rios e várzeas. Penso que esmiuçar tais experiências, na medida em que tento dar visibilidade às imagens das águas, se traduz numa interessante experiência de formação. Vale destacar que falo aqui em experiência como uma interação carnal com o mundo cotidiano, de onde se pode acessar um universo de significações possíveis. Longe de ser uma condição passiva no mundo, a experiência é uma busca por novas visibilidades e significações. Vale-nos a citação de Chauí (2002, p.161), quando sintetiza um conceito de experiência no âmbito do pensamento merleaupontiano:

¹ Entendo aqui imaginação não como uma construção fantasiosa sobre o real, mas como um dos elementos da percepção, a elaboração de imagens que permitem a compreensão do real e a inserção num mundo concreto.

A experiência já não pode ser o que era para o empirismo, isto é, passividade receptiva e resposta a estímulos sensoriais externos, mosaico de sensações que se associam mecanicamente para formar percepções, imagens e idéias; nem pode ser o que era para o intelectualismo, isto é, atividade de inspeção intelectual do mundo. Percebida, doravante, como nosso modo de ser e de existir no mundo, a experiência será aquilo que ela sempre foi: iniciação aos mistérios do mundo.

Não obstante, sou abordada recorrente com a pergunta: "qual a contribuição desta pesquisa para a educação?". A questão é intrigante, admito. Mas, por outro lado, a partir da concepção de educação que tento atualmente construir, é muito óbvio que ela não pode se dar somente dentro dos muros institucionais, nem tampouco ser reduzida à transmissão de conteúdos de conhecimento sistematicamente organizados. Ela é um processo constante que se inicia com o nascimento e prossegue até o momento da morte. Dá-se na percepção dos pequenos cantos do mundo, na vivência de situações inusitadas, nos gestos dos educadores, nas palavras das pessoas que circulam pelos ambientes cotidianos. É no seio dessa educação difusa que essa composição, derivada de uma trajetória atenta sobre os caminhos trilhados, pode encontrar algum sentido.

Muitas vezes somos levados a pensar que ensinar e aprender é uma viagem de ida e volta e se passa nas salas de aula, na escola. A escola é o lugar social da educação. Esta é uma idéia correta, mas não inteiramente. A educação que vivemos na escola, como estudantes, como professores, como as duas "coisas" ao mesmo tempo, é uma fração importante do nosso aprendizado, mas não a única. A educação escolar é um momento de um processo múltiplo, de vários rostos, e vividos em diferentes momentos, a que costumamos dar o nome de "socialização". (BRANDÃO, 2005, P. 86)

Nossa vida é composta de trocas de saberes, de aprendizagens constantes que não cabem somente dentro dos currículos escolares. O conhecimento é maior

do que os livros tentam registrar, circulando inclusive no discurso alimentado pelos saberes populares.

Mas, olhando de perto e de dentro, podemos pensar que ninguém ensina ninguém, porque o aprender é sempre um processo e é uma aventura interior e pessoal. Mas é verdade também que ninguém se educa sozinho, pois o que eu aprendo ao ler e ao ouvir provem de saberes e sentidos de outras pessoas. Chega até mim através de trocas, de reciprocidades, de inteirações, com outras pessoas. (BRANDÃO, 2005, P. 86)

Após todo o caminho que percorri durante as minhas narrativas, percebi, como se verá, que aprendi muito mais sobre ecologia com o Nhô Trujack, personagem de uma das minhas narrativas, do que poderia aprender nos livros de ciências de 5ª a 8ª séries. Ele fala com propriedade da importância de toda vida que se instala ao seu redor. Recordando o quintal da minha Avó Ana, recompus grandes ensinamentos sobre o que chamamos agroecologia, tão na moda nos dias de hoje.

Temos o costume de imaginar, que apenas pessoas treinadas para tanto são capazes de ensinar, de educar. Assim é de fato em várias situações. Mas ao revermos a nossa própria vida passada e presente, nós nos damos conta de que nem sempre é assim e nem bem assim. A começar por nossos pais e outras pessoas "mais velhas" da família, boa parte do que aprendemos no começo de nossas vidas provem de pessoas que não fizeram cursos especiais para serem nossos primeiros educadores. E quando chegamos à escola e convivemos com pessoas especializadas a ensinar já aprendemos uma imensa parte do que irá nos acompanhar ao longo de nossa vida. (BRANDÃO, 2005, P. 87)

A educação ambiental, especialmente, não pode ser algo unicamente atrelado ao currículo e ao conhecimento científico. É um processo complexo que exige vivências de descobertas, de enfrentamentos, de conflitos internos e externos e, principalmente, de muita sensibilidade. Então posso afirmar que este trabalho, além de ter ressignificado a minha vida profissional e pessoal, também pode mostrar aos outros professores que o parar e repensar sua existência e sua

trajetória pode mudar o rumo de sua vida e também reconhecer pequenas coisas que muitas vezes estavam ofuscadas e, de repente, descobrir que era exatamente lá onde o problema estava instalado.

Parte II. Do mundo...

... Percepções

Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... (BACHELARD, 2002, p. 09)

Essa foi uma das frases que me capturaram instantaneamente na leitura de *A água e os sonhos*, de Bachelard. Li a obra não como quem procurasse os detalhes de uma análise psicológica da relação do ser humano com a água, mas com o interesse de vislumbrar a diversidade de suas significações e a força com que demarca a interação do ser humano com seus âmbitos de vivência. Quis, então, encaminhar-me às percepções de minha infância com o interesse de garimpar as pequenas sutilezas de vivências superficialmente insignificantes como ancoradouros da minha imersão no mundo.

Pois o ser é antes de tudo um despertar, e ele desperta na consciência de uma impressão extraordinária. O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares. Assim se criam em nós os mistérios familiares que se designam em vários símbolos. Foi perto da água e de suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanção, um alento adorante que se evola das coisas pela mediação de um sonhador.

Se quero estudar a vida das imagens da água, preciso, portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal. (BACHELARD, 2002, p.08)

O estudo da vida das imagens das águas, para mim, forjou-se num método prazeroso: o da revisitação. Retornar, pelos recursos da memória, aos lugares da minha infância, consistiu em um reencontro e, ao mesmo tempo, em um

distanciamento. As memórias que levei para visitas factuais me mostraram um mundo transformado. No entanto, resta algo muito vívido: o prazer em vislumbrar ambientes aquáticos, ouvir sons produzidos pela água, ou o frescor que ela causa; derivar, dessa sensação, um resgate de significações que jamais se apagarão da minha forma de estar envolvida ou desgarrada dos meus ambientes cotidianos.

Percebi que estas mesmas sensações vivenciadas por mim na infância também foram compartilhadas por poetas, escritores e músicos, a partir das ricas expressões em suas obras. A fluidez das músicas e obras brasileiras apresentam uma presença constante do elemento água, principalmente aquelas escritas por autores nordestinos. Podemos até especular se a carência de água aumenta o valor que a mesma tem para o seu povo.

Bachelard fala da *linguagem fluída* como um tom necessário à poesia da água: "a água é a senhora da linguagem fluída, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes" (BACHELARD, 2002, p.193). Ambições exageradas à parte, tive a intenção de falar em linguagem fluída do retorno às águas da minha infância. A tentativa de narrar fluidamente é apresentada na sequência.

IMPRESSÕES, VIVÊNCIAS

Infância das águas

Horas diante das pequenas correntes entre pedras lisas como sabão e cascalhos que, vez por outra, se desprendiam e corriam um pouquinho, obedientes. A hora desejada: raios de sol, à beira do entardecer, penetravam no líquido móvel e pequenas luzes pareciam sair vivas dos pedriscos para desenhar um cenário flutuante, como aura de um céu que visita a terra. E então as águas pareciam ainda mais brincantes, inquietas, festivas.

Eu, criança, com o corpo arrepiado pelo friozinho que ia chegando, depois do banho na cascata, ficava ali cheia de um entusiasmo inocente, querendo me desmanchar em pequeninas bolhas para ser carregada também pelas águas. Ainda cheia de idéias das "reinações de narizinho", desejando ser capturada por um mágico mundo escondido e respirar a alegria da infância das águas. Dali a pouco, noite chegando, tudo parecia virar quietude. Os sons das águas, mesmos, agora se juntando com o dos bichos em recolhimento e dos seres da noite. Os dispensados chinelos, na mão, me levanto e tomo, vagarinho, com um pequeno pesar, o caminho de casa. A cada passo, as conhecidas vozes da cascatinha iam mudando, até desaparecerem entre os sons dos gravetos sobre meus pés, das galinhas no terreiro e, um pouco mais, das panelas na cozinha. Caldo quente contra o frescor incorporado na pele.

Anos, enfim... Eu, forçando a vista na luz insuficiente da escrivaninha. Sendo tomada por cada palavra de *A água e os sonhos*, sem muita certeza de estar compreendendo bem as idéias desenhadas. A captura inevitável, pelas palavras e por cada re-vivência a que me lançavam. Desafio denso diante da fluidez da experiência corpórea das águas: interpretação, análise psicológica, composição imaginária, significações? Resolvo: minhas remissões são mais desejos

de visibilidade de esforços poetantes, da vida encarnada dita pela presença imperiosa das águas. Parece não ter me restado outro caminho possível: partir da diluição de minha infância na percepção da infância das águas e assistir o caminho em que, por elas, fui conhecendo lugares, amados ou não.

Segredos: águas escondidas

"A água nunca vai acabar, veja como cai água do céu... Só não sei como e nem aonde a terra pode guardar...". Imagens compostas por um velho tio atordoado com os mistérios da chuva. Já a mim, não impressionava que a água caísse sei lá de onde. Queria mesmo era saber que seres incríveis viviam atrás das cachoeiras e no fundo, bem no fundo, dos rios. Tinha mania de olhar fixamente para as quedas d'água pra tentar enxergar se alguém se mexia do lado de lá. As águas que caíam eram, certamente, cortinas que escondiam coisas incríveis. Como portais para mundos fantásticos.

Depois que fui pra escola, aprendidas as letras, apresentada aos livros de ciências, meus mundos aquáticos foram perdendo um pouco a cor. Lá estava tudo muito bem explicadinho: de onde vinha a água da chuva, para onde iam as que caíam na cachoeira... Um dia expliquei pro tio o esquema todo da evaporação... Me ouviu, acenou várias vezes com a cabeça, mas, no fundo, acho que não acreditou em uma palavra daquela história toda. Sinceramente, eu também quis olhar pras cachoeiras da minha infância e manter a expectativa de ver surgir, a qualquer momento, uma coisa inexplicável.

Revelações: nascentes

Uma porção de água solitária no meio da rua. Borbulhas de ar do fundo da terra. Surpresa: uma nascente no caminho... Pode me acompanhar um instante pra outras terras? Tempos passados: um cano de onde saia uma água geladinha que abastecia a casa. Curiosidade de criança: a excursão ao morro pra ver de onde vinha aquela água toda... Um adulto: "a água que sai dos lençóis subterrâneos escorrem por gravidade pelo morro". Eu, criança, espantada: "onde gela? Como pode vir aí desse burquinho na terra, no meio do mato?" E pensava quantas coisas mais se escondiam por aí nesse mundão de Deus. Importava que eu tivesse subido o morro para ver a água saindo como se fosse um segredo revelado...

Imprecisões, caminhos: rios

Já tive muitos rios em meus caminhos... Pequenos com águas cristalinas e pedrinhas de "brilhantes" no fundo... Com terra lamacenta que atola o pé... Ribeirões... Bons de banho... Rios grandes como Rio da várzea e o Negro ou rios que descem a Serra da Prata... Formam cachoeiras. Rios que cortam a mata, viram canais e morrem na praia... Na minha infância já haviam muitas estradas e caminhos secos no mato. Nada se compara em seguir um rio para ver onde vai dar... Descobrir os desvios que ele percorre, a vida que pulsa ao seu redor, as ladeiras em que ele escorrega...

Foi em uma destas aventuras em busca do que mora na beira do rio, que eu conheci meus amigos de infância, a Marli, sua irmã Salete e os irmãos Vado e João. Eles faziam parte de uma família grande de oito irmãos, os outros já eram casados. O patriarca da família era o Sr Zelinski, que além de ser um bom

massagista também tinha uma pequena fabrica de farinha de mandioca. Ao lado da farinheira tinha um tanque que represava a água e ia depois dar impulso na roda d'água que dava energia para as máquinas. Nesta chácara, havia uma casa pequena abandonada, a qual nós transformamos no nosso esconderijo. Lá guardávamos tudo o que achávamos útil, inclusive alimentos que furtávamos de nossas casas. Um dia a Marli chegou contando uma história muito interessante:

- Eu ontem fui visitar meu avô, e ele começou contando como era na época que ele e seus irmãos eram tropeiros.

-Tropeiros? O que é tropeiro? -, perguntei curiosa.

Ela explicou que tropeiros eram os homens que viajavam de uma cidade para a outra levando gado e outros alimentos que eram produzidos nas fazendas. Naquela época não tinha estradas como as de hoje, então eles andavam à cavalo ou de carroça, e assim, por onde eles passavam, chamavam de "caminho dos tropeiros". Geralmente eles andavam acompanhando os rios para não se perderem.

- E onde ficavam esses caminhos, em quais rios?

- Aqui perto onde estamos tinha um, que passava pela Lapa sempre acompanhando o trajeto do Rio Negro e Rio da Várzea, depois Iguaçu, e assim ia. Ele contou que esse é o motivo das cidades da nossa região estarem todas perto dos rios.

E entre histórias no esconderijo e excursões aos segredos dos rios, fui sendo tomada por uma mágica fluidez que jamais se solidificaria em cabeça e nas minhas andanças pelos lugares em que vivi.

A gota: águas acalentantes

Ouvido de criança. A chuva, enquanto o sono não vem...

Ploc

Plinc

Plum

Tibum

Meu sono não vem

Ploc

Olinc

Plun

Tibum

Meu sono chegou

Ploc

Plinc

Plun

Tibum

Minha avó me cobriu

Ploc

Plinc

Plun

Tibun

Dorme com os anjos meu amor...

Estes devaneios acalentantes trairiam, vez em quando, a adultice. Basta uma gota estalando por aí pra criança saltitar entre poçinhas imaginárias. A serenidade de gotas caindo nas telhas, no solo, em objetos ou noutra água tem uma sonoridade comparada somente a uma canção de ninar cantada por ancestrais queridos. Dormir com este barulhinho... Aconchego. Embalo do colo de mãe fluída... Para onde sempre se quer voltar.

Sobre percepções infantis

De repente, alguém me sacode do canto da escrivaninha com versos saindo do pequeno portátil. Algum caos no acalanto. Que seja bem vindo, e me leve pro turbilhão, se os desfechos forem ainda líquidos.

Da infância, significações: a forma como a água desperta o povoamento do mundo concreto com imagens infantis; o modo como o corpo está desperto, móvel, integrado com a carnalidade do mundo; a forma como os rios orientaram percursos durante longo tempo em um passado não muito distante; e, sobretudo, o caráter vívido das imagens em relação à conceituação das coisas. A última particularidade merece destaque.

Eu, criança, não me contentava com as explicações sobre a chuva e nem sobre a gravidade que trazia a água de cima dos morros. Queria ver a fonte, assistir a água nascer, queria procurar seres incríveis por trás das cortinas d'água. Os ensinamentos da escola não me faziam compreender totalmente os mistérios e as materialidades que presenciava no meu mundo. Quero, nesse sentido, citar um poema de Manoel de Barros:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a
imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás
de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o
rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que
fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem (BARROS, 2007, P.25).

A linguagem dura se ancora, comumente, na representação, na formulação conceitual em que enredamos o sentido das coisas que nos cercam. Os nomes, nela gerados, muitas vezes empobrecem as imagens com que povoamos o mundo. Falar em percepção muitas vezes exige contornar essa fala formalizante e

admitir uma linguagem fluida, que deixe as coisas virem à clareza sem enredá-las em concepções definitivas. De há muito, as reduções provocadas pelo foco na atividade representativa do homem moderno tem sido denunciadas. Destacamos, nesse sentido, as reflexões apresentadas por Merleau-Ponty (2004) que nos fazem rever alguns discursos sobre percepção.

O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (Merleau-Ponty, 2004, p. 1).

Há aí um esforço de Merleau-Ponty de evidenciar que o mundo percebido não pode ser encerrado em um discurso sobre o mundo. Sem desprezar o valor do conhecimento científico, aponta para o fato de que não é possível se destacar do mundo para dizê-lo. Por mais que tenhamos cavado um espaço privilegiado para o sujeito que coloca o mundo diante de si como objeto, não podemos nos iludir de que podemos quebrar nossa interação com o mundo para olhá-lo de um lugar privilegiado. Marin (2009, p.51) comenta que na *Fenomenologia da percepção* fala que o significado possível do mundo se dá pela percepção que pressupõe a inserção incondicional nesse mundo: "construímos a percepção com o percebido [...] Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo" (Merleau-Ponty, 1999, p. 26). Acrescenta que a idéia de que devemos buscar a exata definição das coisas, é algo que caracteriza a concepção analítica da percepção no pensamento clássico, mas que o mundo sensível comporta indeterminações, constituintes da visão originária, que se perdem diante dessa busca por definições precisas: "o conceito de percepção que deriva dessa diferença entre mundo representado e mundo vivido é evidente: se para os clássicos, a percepção é tão somente a leitura do concreto e do sensível

para serem processados pelo pensamento, em Merleau-Ponty ela ganha um caráter de fluidez sensível que reabilita a vitalidade e a validade do mundo percebido" (id., p.52).

Nas discussões desenvolvidas no campo da educação ambiental, é comum se destacar conceitos e representações presentes nos discursos das pessoas como causas diretas dos seus comportamentos em relação à natureza e ao lugar habitado. Não diminuindo a importância dessas considerações, é importante atentar para o fato de que o foco nas construções cognitivas pode distanciá-las do mundo concreto vivido, legitimando uma fé em novos discursos que não estejam necessariamente fundados em vivências significativas.

Vale comentar também algo a respeito da volição, imersão ativa do corpo no ambiente vivido: o contato com a terra; as atividades próprias da vida cotidiana no campo; a vivência de imersão nos corpos d'água; etc. Não é estranho para a maioria de nós que nossos corpos tenham sido dirigidos a atividades cotidianas marcadas por alguma repetitividade e funcionalidade que leva a um desligamento do contato com o concreto. Se pensarmos isso à luz dos pensamentos de Steiner (2000, p.70), poderemos dimensionar os possíveis prejuízos desse distanciamento. Em suas considerações, encontramos igual atenção a três atividades humanas: pensar, sentir e querer. Uma educação preocupada com o envolvimento efetivo do ser humano com sua concretude deveria voltar-se a essas três atividades e não só ao desenvolvimento das capacidades de lidar com abstrações. Bach (2007, p.436) comenta que o ser humano, nas palavras de Steiner, remete-nos sempre à cognição, afetividade e volição, sendo que as suas ações no meio ambiente são realizações do ser volitivo. Acrescenta: "Percepção ambiental que leva em conta os laços afetivos de

interesse e ligação íntima com o local onde estamos, não abrange só os pensamentos isolados em si, mas um pensar que entende e percebe o que se sente ao mesmo tempo”.

O sentir solicita uma linguagem imagética e, o querer, a linguagem do corpo, a ação. De acordo com *Correia et al* (2008, p.74) o “desenvolvimento humano pressupõe a motivação dessa volição, de forma que se temos uma educação centrada somente no pensar, em detrimento do sentir e do querer, estamos formando seres humanos parciais e, ainda mais, incapazes de interagir com o mundo ou de entender os significados dessa interação”. Destaco que as experiências da infância relatadas, antepostas às formas de ação no meio próprias do modo de viver na atualidade, carregam de sentidos essas reflexões, na medida em que mostram atividades volitivas marcadas pela ritmo e sentido biológicos. Somado a esse empobrecimento da volição nos modos de viver da atualidade, há também o enfraquecimento da linguagem do sentir, as construções imaginárias.

Essas visibilidades e imagens ricas que povoaram minha infância foram se enfraquecendo um pouco ao longo dos anos. Nos mundos onde fui habitar, a água estava tão discretamente presente que deixou de alimentar minhas criações imagéticas. Tive que procurá-las para dar prosseguimento às minhas especulações. Primeiro, em devaneios. Por fim, pelo cotidiano dos lugares onde morei e pelos cantos da cidade em que hoje habito.

Humores, devaneios

O sol parecia aquele que eu via nos filmes que mostravam o deserto. Vento eu não encontrava em parte alguma. Aquele cansaço, aquela preguiça típica de quem está livre de horários, de honorários e compromissos. Subitamente peguei a cadeira, o guarda-sol, o protetor e o livro. Andei três quadras e lá estava eu na frente daquela imensidão esverdeada, um cheiro meio molhado, meio salgado. Aquela maresia era um convite para relaxar. Encontrei um lugar vago naquela areia escaldante, logo veio Dona Neide com seu fazedor de buraco para fixar meu guarda-sol e fez aquela pergunta costumeira:

- O que vai hoje? A loira gelada ou água com limão?

- Hoje eu estou mais pra água com maracujá! - Respondi, tirando o meu livro da sacola. Antes de eu terminar de ler a primeira página do segundo capítulo onde o autor fala das águas profundas, as águas dormentes e pesadas, chegou a mulher trazendo um copo enorme de batida de maracujá, deliciosa, composta por água ardente, água de maracujá, água láctea bem doce e pedaços de água gelada. Então sem querer pensei alto e falei:

- Estas são "águas compostas"...

Dona Neide sem entender nada, saiu rindo e imaginando que a bebida já tinha afetado minha lucidez.

Voltei para o livro, o autor estava devaneando com Edgar Alan Poe, sobre as águas pesadas... Lembrei-me das descrições precisas e soturnas que Poe faz da lagoa negra de *A queda da casa de Usher*. um ar tétrico brotava das águas paradas que se espalhavam junto à casa que, combinado com outros sombrios objetos, despertava-lhe as afeições mais estranhas, sensações comparadas à da ressaca de um viciado em ópio... A imaginação o levava a pensar que tudo no lugar, inclusive a casa, tinha sido tomado por uma espécie de vapor pesado que emanava

da lagoa silenciosa. No desfecho, com a queda da casa de Usher, a lagoa fecha-se diante dos seus pés, fúnebre e silenciosamente.

Tentando desfazer-me dessa imagem densa, tomei mais dois goles daquela mistura da D. Neide. O sol forte, percebi que estava ficando igual as águas dormentes, mas resisti, continuei minha leitura. Cheguei em uma parte que me fez parar no tempo: "contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer". Tomei mais um pouco da minha bebida, já mais refrescante, pois os pedaços de água já tinham derretido quase inteiramente. Coloquei o livro aberto sob minhas pernas, encostei minha cabeça na cadeira e comecei a olhar para as ondas do mar, tentando alcançar algum significado sobre aquela idéia, imaginar como seria escoar-se, dissolver-se na água sem ser necessário morrer. Era impossível olhar as águas sem ver também aquelas pessoas transitando em minha frente: uma menina brincando em um buraco na areia e chamando a tia para "entrar em sua piscina"; ao lado um senhor jogando bola com um garoto; do outro lado, várias crianças com brinquedos diversos tentando fazer castelos na areia. Meus olhos estavam ficando cansados de tanto movimento colorido...

Percebi que estava flutuando sob o oceano, uma brisa suave refrescava o meu rosto, meus olhos estavam lúcidos, meu corpo leve, meus braços pareciam asas. Estava me sentindo o próprio Fernão Capelo Gaivota: eu subia e descia no céu, às vezes voltava meio molhada com o contato nas nuvens, mas um grito chamou minha atenção.

- Aquarina!

Olhei: era um golfinho me chamando para brincar na água com ele. Suavemente descí passando as minhas mãos levemente na água, como alguém que está fazendo carinho.

- Vem mergulhar comigo Aquarina. Pode vir sem medo, deixe a água retribuir seu carinho, seja acariciada por ela.

Sem temer mergulhei calmamente procurando o fundo. O golfinho veio até mim e disse:

- Calma, não tenha pressa, aproveite o passeio.

Encontrei uma família de peixes coloridos, pareciam pintados com morango. Não consegui contar, eram muitos, mas todos seguiam a mesma rota. Apareceram outras famílias de pessoas diferentes, com muitos braços, todos prontos para agarrar, para abraçar. Era muito estranho, parecia que eu era igual aos animais dali. Havia uma harmonia, várias rotas sem colisão. Então um susto enorme, vinha em minha direção um peixe enorme, com a boca aberta, cheia de dentes gigantes. Pensei que era o meu fim, comecei a lembrar de todas as coisas que eu queria fazer e não fiz, de todas as pessoas que fazem parte da minha vida, de quem sentiria minha falta, esse tipo de coisa que as pessoas pensam na hora que vão morrer. Ele se aproximava, e o medo aumentava, eu procurava o golfinho para pedir socorro e não o via mais. Queria gritar, mas a voz não saía embaixo da água. Poderia dizer que estava suando frio se não estivesse já molhada. O pânico aumentando, todos os pequenos animais que eu vi perto de mim estavam fugindo, e eu não sabia para onde fugir, o peixe gigante se aproximando e eu, paralisada. Mas, como um milagre, ele passou pelo meu lado como se não me enxergasse. Deveria me sentir aliviada, mas isso aumentou meu pânico: será que estou morta por isso ele não me vê? É verdade, eu não estou respirando, se fosse um sonho eu teria acordado. A gente sempre acorda quando vai morrer no sonho... Resolvi voltar para a superfície, talvez assim o ar entrasse pelas minhas narinas e voltaria a respirar.

Águas tranqüilas (O Zen das águas)

Respirar... Estava no jardim com os olhos fechados, sentada em uma grande pedra disposta no meio da suave corredeira. Olhos fechados, ouvia a harmonia do movimento das águas descendo os pequenos declives e sobrepondo os pequenos e diversos obstáculos. Devia estar ali há, pelo menos, uma hora e meia. Chegara disposta a um mergulho nas águas geladas do poço. A entrada, no entanto, tinha sido cerimoniosa, não por um ritual planejado qualquer, mas pela temperatura da água que repelia e, ao mesmo tempo, seduzia de uma tal forma que era impossível resistir à imersão. Fui entrando devagar, caminhando até a queda que parecia refletir uma luz esbranquiçada, sentindo a brisa e os pelos do braço eriçar... Entregando-me à massagem gelada, tive a sensação de que cada centímetro do meu corpo retraía intensamente e, depois, relaxava como que se desligando de sua carnalidade. Depois do mergulho, sentei-me ali, entre os dois níveis de água, como se estivesse no limiar de dois mundos. No início achei que não agüentaria mais de alguns minutos, mas as sensações que foram se seguindo me imobilizaram completamente naquela posição. Devagar, a consciência de todo meu corpo voltando, mas agora o sentia leve como se pudesse levitar.

Em alguns momentos abria os olhos para me certificar de que ainda era dia, mas tudo que via eram as flores multicoloridas no canto esquerdo do jardim e, no oposto, o semblante sereno da imagem de Buda que parecia ter brotado ali da mesma forma que as árvores. Confiante, voltava a fechar os olhos, ouvindo agora sons distantes misturados ao zen das águas. Pouco a pouco fui sentindo o calor do sol ir enfraquecendo sobre a pele e as plantas e animais irem se aquietando ainda mais. O ar entrava agora suave e pausadamente em meus pulmões, provocando movimentos sutis em meu corpo.

Águas sinuosas

Mas, de novo, voltei à agonia da submersão. Quando regressei, saí direto para o alto e realmente o ar entrou em mim e voltei a respirar. Ao longe avistei um rio pequeno que acabava na praia, resolvi segui-lo para ver onde ia dar. Visto lá de cima parecia serem vários "S" todos emendados formando muitas curvas que se repetiam quase sempre na mesma seqüência. Assim, eu percebi que realmente os rios são compostos de "esses", meandros e barrigas. Curvas, não esquinas... A sua geometria não deve ser medida com régua, esquadro ou outro tipo de ângulo ou retângulo. Para medir, sentir o rio, é necessário mergulhar em suas profundezas. Ser atravessado e invadido por suas águas, sejam elas cristalinas, barrentas, lamacentas ou negras. Sentir o desafio da correnteza... Às vezes em busca do mar. Navegar em suas margens, seus igarapés. Pedras, peixes, feixes.

Ser Sinuoso: negar a pretensão da perfeição. Sem a certeza de qual será o próximo encontro. Desviar-se de situações difíceis, intempéries do caminho. Fazer da água seu ninho, ser fluido como a água: ter a forma que a natureza dá.

Águas que agarram

Cheguei até a Serra da Prata, flutuei mais alto até passar por cima de todas as montanhas, observei vários rios nascendo. Quando estava chegando à planície, percebi que conhecia aquele leito que se formava e, juntando-se com outros menores, ficava mais evidente que era o Rio da Várzea. Lembrei então das águas que agarram.

O poder e a força das águas, que tudo podem levar. Memórias de sumidouros aquáticos, que agarraram pessoas amadas.

Tio Miguel, homem ainda jovem, com seus trinta e poucos anos, adorava pescar no Rio da Várzea, perto da casa do meu avô paterno. O pescador de rio gosta de passar a noite pescando com amigos. Noites geladas de inverno, aquecidas com uma imponente garrafa de cachaça. Cotidianos de um homem que passou a infância morando no interior, com todas as regalias da vida imersa na natureza. Novos lugares e afetos mantidos: depois que foi morar em Curitiba, sempre que podia passava os finais de semana e férias na casa de seu pai, que morava ainda no mesmo lugar.

De tantos retornos, uma definitiva captura. Férias de julho na companhia do pai. Cenário de muita chuva, quase uma semana sem parar. O Rio da Várzea muito cheio e extensas áreas de alagamento. A casa do meu avô parecia uma ilha, no alto de um morro rodeado por lugares alagados pela cheia. Era uma época que os pescadores de rio adoravam, pois era muito fácil pegar peixe nos lugares alagados, principalmente com "covo" ou pequenas redes de pescar. Miguel armou seus "covos" e uma pequena rede, e disse ao pai que iria passar a noite na beira do rio para cuidar, pois os outros pescadores poderiam roubá-los. Despedida... Ali mesmo foi capturado. Seu corpo encontrado cinco dias depois, preso por um galho de árvore que foi arrastado pelas águas para o leito do rio. Imerso de uma vez por todas: não conseguiu boiar como acontece com os afogados...

Foram também as águas que agarraram, em outro ano, meu avô Pedro, caminhando na noite, voltando para o abrigo de seu lar. Chovia muito. Cruzando uma ponte sobre córrego que ficava perto de sua casa, escorregou e caiu. Desmaiado pelo impacto da cabeça na pedra, afogado em um rio de poucas águas... Assim os dois desencarnaram em fluidez.

Águas torrenciais

Começou a chover muito, parecia que já estava chovendo há dias, muita água por todo o lugar.

Chegaram-me vagas lembranças de pessoas que moravam comigo que, na névoa onírica, pareciam ser meus filhos... Era no litoral paranaense, uma casa aconchegante, espaçosa, em uma região privilegiada. As crianças brincavam felizes de esconde-esconde, o lugar era perfeito, com uma varanda enorme, jardim e tudo o que você deseja em uma casa tropical. Seu defeito só foi descoberto após a primeira experiência de águas torrenciais, em que rua e garagem foram invadidas. Aconchego dando lugar ao medo... Aconchego acabado na invasão torrencial das águas no ano seguinte.

Já em outra casa, calma. Ficávamos felizes novamente quando chovia e percebíamos que as águas não invadiriam nosso lar. Imaginávamos que estávamos em um navio e a água lá fora pertencia ao mar. Cada objeto que passava boiando na rua, um ser marinho ou outro barco. Esses devaneios eram uma maneira saudável de acabar com o tédio, de jogar, como nos ensina Eleanor H Porter em seu livro Pollyana: "nós devemos sempre jogar o jogo do contente, e ver o lado bom dos acontecimentos".

Percebi então que os devaneios de minha existência divisavam em anos vividos nos rios da minha vida além das montanhas, ora rios montanhosos, e anos marinhos...

Com saudades da maresia, voltei a voar próximo da praia. Muita gente se escondendo do sol nos guardas. Olhando aquela imagem lá do alto, chegaram até mim recordações desfalcadas de algo que parecia ser um sonho.

Ora eu estava viva apenas sonhando, ora estava morta ou em outra dimensão... Parecia que as lembranças quando estão longe do corpo não nos pertencem mais e ficamos livres.

Águas secas, águas ausentes

Vento, muito vento. Terra voando com o vento, como pó. Aquela secura na garganta, o nariz coçando. A terra solitária sem a sua companheira que lhe dá fluidez. A única composição possível é com o elemento ar. O céu limpinho desprovido de paisagens brancas contrastando com o azul. Verde sofrendo o marrom, colorido das flores enfraquecido. Animais tristonhos, sofrendo a tristeza seca da terra. Os leitos onde corriam ruas fluviais, agora são apenas caminhos duros difíceis de serem percorridos.

Avistei ao longe uma mulher franzina carregando um balde de água na cabeça, suas pernas finas mal podiam agüentar tamanho peso. Acompanhei este ser por muitos quilômetros, e percebi que, a cada metro percorrido, mais seca ficava a terra. Adiante vi o que deveria ser uma vaca que morreu há vários dias, seus restos chamavam a atenção de alguns animais pretos que, às vezes, voavam comigo. Um pouco além, um menino tristonho sentado embaixo de uma árvore desfolhada. A mulher chega até o garoto e oferece uma caneca com água. O menino agradece com um sorriso e acompanha a mulher. Se estivesse sonhando, era fácil entender as imagens próximas das *Vidas secas* se fazendo e desfazendo ante meus olhos.

Águas ricas

Lembrei-me do Tio Lando contando as histórias do pai que foi garimpar em um rio em Minas. Naquela época não ficava rico quem não queria, tinha esmeralda

e outras pedras de valor que davam no rio igual a água, sem contar o ouro e a prata que com sorte também se podia encontrar. Ele não cansava de contar sobre um compadre de seu pai que fora escravo e comprara sua liberdade com uma esmeralda que encontrara no Rio das Mortes. Assim, na minha infância, acreditava que as pedrinhas que encontrava no rio da casa da minha avó também deveriam ter algum valor. Elas tinham muito brilho e para mim eram muito bonitas, igual às esmeraldas que meu tio contava.

Águas sagradas

Tio Lando tinha todo um ritual para contar suas histórias. Primeiro nós tínhamos que almoçar na mesa em silêncio: ele dizia que alimento é coisa sagrada. Não era muito difícil já que a variedade de pratos na mesa era grande, mas o que mais chamava a atenção era a galinha caipira cozida na panela de ferro e o macarrão caseiro que a tia fazia. Após o almoço, íamos todos para a varanda, ele sentava em sua cadeira de balanço, e nós nos bancos de madeira. Então minha tia trazia leite, farinha de milho e doce de pêsego bem duro, daqueles que a gente pode cortar em pedacinhos. Em um prato colocávamos primeiro a farinha, depois o doce picado e por cima leite. Após comer este manjar dos Deuses, tio Lando começava dizendo:

- Olhem para mim e escutem. Se alguém parar de olhar para mim eu paro a história. Hoje eu vou contar a história de São João Maria, O Monge da Lapa... São João Maria foi um homem santo enviado por Deus para aumentar a fé dos homens e tinha o dom da cura. Ele gostava de morar em grutas no meio do mato. Lá ele ficava rezando e cantando para Deus. Ele morou alguns anos na Lapa, meu avô conheceu. Uma vez minha tia tava muito doente, quase morrendo, então foram pedir ajuda pro São João Maria. Ele pegou umas ervas, esmagou com uma

pedra colocou em uma caneca com água da bica, fez algumas orações e mandou minha tia tomar, e ela já começou a melhorar. Depois que ele saiu da Lapa foi para o Rio Grande passando aqui por Campo do Tenente pelo caminho dos tropeiros, Rio Negro e outras cidades. Ele sempre dormia em lugar onde tinha bica d'água, e sempre marcava o lugar com uma cruz fincada no chão. Dizem que até hoje quem bebe água das bicas em que ele colocou a cruz fica curado de todos os males do corpo.

A lembrança da contação de história do tio Lando se desfez como fumaça no ar e eu me dei conta de estar mergulhada novamente numa névoa e, de novo, a dúvida de estar sonhando ou se tinha morrido... Continuando meu vôo passei por um rio onde tinha algumas oferendas dentro de uma bacia branca; fiquei imaginando para qual divindade aquática seria oferecida. Pouco mais além, percebi várias pessoas adultas dentro de um rio. Desci um pouco para ver aquilo mais de perto: um homem pegava aquelas pessoas uma por uma, mergulhava a cabeça delas na água como se fosse afogá-las e dizia "eu te batizo em nome do pai, do filho e do espírito santo"... Esta cena me fez recordar de algo que aconteceu em outros tempos e lugares: era um templo, tinha um altar com uma cruz grande, várias pessoas, um homem com uma túnica branca pegava água de uma bacia de cimento e molhava a cabeça de uma criança que estava no colo da mãe; enquanto a criança chorava o homem de branco falava as mesmas palavras que o homem do rio.

Águas sujas

Olhando para a transparência da água usada no batismo, voltam recordações infantis, quando a chuva acalmava a sua intensidade, a rua ficava cheia de poças d'água e fugíamos de casa para brincar... Fazíamos barquinhos com

folhas de caderno para flutuar naquelas águas que eram "sujas" como dizia minha mãe. Mas era divertido ver nossos pés afundando na terra molhada. Para não sujar os calçados ficávamos de pé no chão, assim podíamos lavar e minha mãe não saberia. Mas em uma dessas escapulidas a terra ficou mais escorregadia do que o normal, e para minha surpresa escorreguei e deslizei no chão. Foi uma sensação gostosa, aquele barro macio acariciando minha pele, e com um gesto malandro peguei um pouco do barro e joguei no irmão, assim começou uma guerra com mistura de água e barro. O que não foi divertido foi ver a cara de desaprovação da minha mãe quando chegamos em casa. Assim ela me fez lavar a minha roupa e a do meu irmão.

Não sabia, ainda, o real significado de águas sujas. Elas só me chegaram muito tempo depois, pelas imagens inacreditáveis estampadas nas mídias. A idéia que me vinha às vezes, quando as via, era que eu tinha adormecido e voltado a acordar um século depois. Como, nos poucos anos idos da minha vida, tanta coisa poderia ter acontecido no mundo a ponto de ver cenas tão diferentes das que vivi?

Águas misteriosas

Continuando minha viagem em busca das águas da minha vida, regressei novamente para as marinhas, avistei uma porção de terra com muitas árvores e cercada de pedras, cheguei mais perto e em uma das pedras havia uma linda mulher com cabelos longos a pentear. Parecia estar nua, a parte superior de seu corpo era coberto por seus cabelos, o restante de seu corpo era revestido por uma espécie de escama brilhante. Entoava uma canção em uma língua diferente e próximo a ela estava um barco com um pescador lançando rede. Chegavam até

mim lembranças de minha professora do primário contando as lendas aquáticas com figuras femininas que em cada região ganhavam um nome diferente. Iara ou Mãe D'água... Havia também o boto cor-de-rosa que virava um lindo homem e engravidava as mulheres. Quando passei pela Baía de Paranaguá vi uma igreja chamada Nossa Senhora do Rocio, e lá tinha uma imagem de pescadores encontrando a Santa nas águas. Vagas lembranças de livros que li com monstros e serpentes marinhas, com um rei aquático que segurava um tridente. Em outros tempos lembro-me da praia cheia de velas, flores, perfumes para Iemanjá ou Janaina.

Recordei-me então de uma história muito antiga contada pelo meu pai. Ele devia ter ouvido do meu avô. Era sobre uma aparição na margem do Rio da Várzea: sempre no dia da lua cheia, um homem vestido de roupa branca rasgada chegava e dizia que tinha jogado um caixão cheio de ouro dentro do rio para esconder na época Do Cerco da Lapa. O tal homem morreu e não contou para ninguém. Vagando eternamente, preocupado com o tesouro, não consegue descansar. Para tirar o caixão de lá seria necessário, no dia de lua cheia, trazer duas "juntas de bois gêmeos" para conseguir arrastar. Mas, antes de o homem desaparecer, o caixão boiava nas águas três vezes e depois sumia.

Águas paradisíacas

Retomando minha viagem, aconteceu algo curioso: vi-me sentada em uma cadeira na praia, muita gente ao redor, muitos mergulhando nas águas, outros se equilibrando em pranchas ou agarrados em bóias, todos riam e brincavam ninguém estava triste, com exceção do menino que a mãe insistia em arrastar para casa e o menino relutava e chorava. Tudo isso acontecendo e eu ali, estática, naquela

cadeira como um corpo sem vida. No mar avistei vários barcos grandes e pequenos, com uma ou várias pessoas. Na areia novamente dois homens com roupa vermelha e amarela colocavam placas com aviso de "Perigo".

Deixando a praia, perto das montanhas havia um lugar com muitas águas, todas fechadas em lugares concretados, com coloridos variados, muita calçada e pessoas sentadas ou deitadas em cadeiras brancas. Homens de branco serviam algo nos copos em bandejas. Algumas pessoas se jogavam do alto de uma grande estrutura até cair na água.

Um pouco adiante, no meio da serra encontrei uma cachoeira escondida pela floresta. Chegaram então imagens ofuscadas de um passeio que fizera até lá. Saí de casa às oito horas para conseguir chegar para o almoço, várias horas de dura caminhada, olhando pássaros diversos, animais pequenos e grandes pelo caminho. Uma formiga que se perdeu no caminho, andava em círculos sem saber aonde ir, minutos depois viu uma de seu bando, então voltou para a rota das companheiras. Quando chegamos à grande queda d'água, disputava com meus companheiros para ver quem cairia na água antes. Depois de muito suor, aquela frescura reanimava o corpo cansado.

Sobre Percepções de Humores e Devaneios

Algumas vezes faz-se necessário dar vazão ao onírico para tentar perceber a água com suas mudanças de humores. Correndo o risco de dar uma quase humanização ao elemento, optei por narrar a forma como a água povoa minha imaginação. O nome Aquarina torna-se apropriado para mostrar a fluidez do personagem que se dispõe sonhar a água em vários momentos, ora como recordações, ora com momentos de insanidade. O clímax do conto, por assim dizer, insinua-se com a citação de Bachelard: "Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer" (2002, p.49). Durante a busca dos humores e devaneios contemplando o mar, a personagem entra em transe para ser como a água, e pensar como a água. O devaneio dá poderes sobre-humanos para Aquarina, que se tornando um ser aquático, consegue sua fluidez e viaja por vários lugares imaginários e outros reais. Outra citação fundamental na compreensão deste conto é este: "sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, a água verde e clara, a água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo..." (BACHELARD. 2002, p.09).

Cada detalhe do conto revela nuances de uma percepção marcada pela atração exercida pela água. Tranquilidade, aconchego, medo, integração são sensações despertadas pelas experiências que Aquarina faz dos diferentes humores das águas. É pelo devaneio que Aquarina descobre a tranqüilidade, a sensação de frescor como nas águas primaveris de Bachelard, ou na calma das águas claras onde Narciso costumava se admirar, ou ainda nos jardins com lagos e espelhos d'água. Na pele de Aquarina, entregando-me à massagem gelada, tive a sensação de que cada centímetro do meu corpo retraía intensamente e, depois relaxava como desligado de sua carnalidade. Bachelard (2002, p.34) também fala

do frescor da água: "O frescor é, portanto, um adjetivo da água. A água é, sob certos aspectos, o frescor substantivado".

Com sua fluidez, Aquarina tinha o poder de flutuar na água e voar como os pássaros. Assim como a água, ela podia transitar por espaços diversos. Lá do alto, ela percebe como os rios são rebeldes, não seguem uma linha reta, não conhecem a geometria humana, tão diferentes dos rios urbanos e canalizados.

Aquarina tem, apesar da grande atração, algum medo da morte na água. Teve dois entes queridos que morreram afogados e isto a fez perceber que as águas podem mudar seus humores rapidamente. Manifestam sua força através das águas violentas, podendo matar em grandes rios e também em pequenos cursos d'água. Mas com alguma frequência, a morte na água tem significado de um destino acolhedor, um retorno ao útero materno. A água parece acolher a morte em seu seio, tornando a morte elementar. "A água fechada acolhe a morte em seu seio. A água torna a morte elementar. A água morre com o morto em sua substância. (BACHELARD. 2002, p.95). Cecilia Meireles (2001) nos fala que "almas de afogados chamam" e Macunaíma fala que "a água já foi gente igual a nós". Seria a água alimentada pela matéria dos corpos que desencarnaram nas águas?

Durante as águas torrencias, as enchentes, a percepção oscila entre a oportunidade de uma brincadeira a mais, para a criança que confecciona barquinhos de papel, ou de uma tristeza incontornável, para o adulto consciente do sofrimento das pessoas sacrificadas pelas forças da chuva que começa calma, aos poucos vai aumentando, e parece que não vai parar mais. O humor dessas águas é rebelde, revoltado, quase vingativo, como nas águas violentas de Bachelard (2002, p.188): "os nervos da água estão agora à flor da pele. Então até a vasa; chicoteia a fonte até as entranhas. Desta vez o elemento se enfurece, sua cólera torna-se

universal; a tempestade ribomba, o raio corusca, o granizo crepita, a água inunda a terra". Na *Súplica Cearense* de Valdeck Arthur de Macedo percebemos o conflito entre desejar a chuva e depois se arrepender porque a chuva não para. As águas ameaçadoras são as mesmas águas calmas e primaveris que mudando o seu humor tornam-se violentas, nesta narrativa é evidente a percepção de medo causada pela imaginação de um possível tsunami, ou outras águas que manifestam sua força arrastando tudo pela frente.

Existem, como se vê, águas que têm a epiderme sensível. Poderíamos multiplicar os matizes, poderíamos mostrar que a ofensa feita às águas pode decrescer fisicamente, sempre conservando indene a reação das águas violentas, poderíamos mostrar que a ofensa pode passar de flagelação à simples ameaça. Uma só unhada, a mais leve sujeira pode despertar a cólera da água. (BACHELARD. 2002, p.189).

Neste momento, encarnada em Aquarina, capto minha própria percepção quando me refiro aos devaneios de minha existência, e menciono a divisão de minha vida em anos vividos além da montanha em outros nos rios montanhosos e anos marinhos. Os anos vividos além montanha compreendem a fase da minha infância e adolescência, que eu vivia no interior, passando grande parte do tempo na chácara da minha Avó Ana, tempos de acalentos e alegrias. Na idade adulta morrei no litoral, onde dividia minhas horas de lazer subindo as montanhas da Serra da Prata descobrindo trilhas que me levavam a rios e cachoeiras de águas cristalinas e geladas, ou então passando momentos agradáveis na beira da praia. Essas viagens entre rios de diferentes ambientes e altitudes e lugares impregnados de água salgada, percebi que a água além de mudar seus humores, também pode mudar seus sabores e cores. A experiência imaginante das águas ameaçadoras leva Aquarina a outra negatividade: a ausência da água, a secura. A personagem continua seu vôo, e percebe que os ambientes são diferentes: em

alguns lugares existe muita água que pode causar sofrimento, já em outros ambientes percebe que a vida clama por água para continuar sua existência. Nestes ambientes, as flores estão secas, a vegetação está morrendo, os animais sedentos, uma mulher franzina carregando um balde de água na cabeça... Associada à ausência de água, há a percepção de que tal escassez torna as pessoas lutadoras e esperançosas. A imagem do ser humano que espera pela visita das águas é constante na literatura que retrata os sertões, os lugares desérticos, como na música de Jurandy: "ser sertanejo, senhor, é fazer do fraco um forte". Muitos abandonam suas terras fugindo da seca, mas com o sonho de voltar para o sertão. Ao reportar estas imagens a personagem recorda da vida dura no interior quando a seca chegava e as mulheres da família tinham que lavar roupa no rio, economizando a pouca água do poço para beber.

No relato das águas ricas, vêm à tona as recordações da Aquarina adulta contando as histórias ouvidas na infância, histórias que alimentavam sonhos de ficar rica brincando no rio, procurando pedrinhas coloridas e brilhantes. Além do valor utilitário da água, nasce também o valor daquilo que a água esconde ou cria. Essa ideia reforça um componente importante do imaginário já presente na infância: o da imagem da água como esconderijo de coisas e seres, o que confere um caráter de mistério que parece contribuir fortemente para atração exercida pelos corpos aquáticos nos lugares habitados por Aquarina. Sabemos que a percepção ambiental de pessoas que vivem em lugares ricos em corpos d'água é povoada de histórias de mistérios, lendas que se incrustam na cultura local e que, muitas vezes, são até aproveitadas como atrativos para despertar laços afetivos com o ambiente. Essa nuance da percepção ambiental mediada pela água é discutida no próximo capítulo. No mesmo momento, estão em destaque as águas sagradas, a riqueza de lendas e crenças que permeiam o imaginário popular.

Indiferente da profissão religiosa, há sempre uma divindade ou um ritual que é aquático. Percebemos isso também através do imaginário popular expresso por diversos artistas, como o poema de Manuel Bandeira que pede permissão para a *Rainha do mar D. Janaina* para poder passar com segurança. Outros usam as águas em rituais de cura, como o Monge João Maria, que povoou o imaginário infantil da narradora.

Na sua infantilidade a narradora imaginava que águas sujas eram aquelas formadas pela mistura de água e terra, como cita Bachelard em suas águas compostas, mas a percepção adulta mostrou que águas sujas são aquelas poluídas, onde os homens depositam aquilo que não desejam mais, assim como o Seu José estava fazendo com o rio que ficava atrás de sua casa.

Como se vê, a impureza, aos olhos do inconsciente, é sempre múltipla, sempre abundante; tem uma nocividade polivalente. Por isso se compreenderá que a água impura possa ser acusada de todos os malefícios. Se para mente consciente ela é aceita como mero símbolo do mal, como símbolo externo, para o inconsciente ela é objeto de uma simbolização ativa, totalmente interna, totalmente substancial. A água impura, para o inconsciente, é um receptáculo do mal, um receptáculo aberto a todos os males; é uma substância do mal. (BACHELARD. 2002, p.145).

As águas misteriosas carregam lendas aquáticas cheias de seres míticos com sereias, Iaras, Boitatás, monstros marinhos e todo o maravilhoso mundo que os livros literários nos trazem, seres ora encantadores, ora perigosos que moram em águas doces ou salgadas. A lembrança marcante na fala da personagem é a lenda do caixão de ouro no Rio Da Várzea, uma história contada pelos pescadores da região, passada por várias gerações nas margens do rio. Bachelard (2002, p. 80) lembra das várias lendas que povoam o imaginário europeu: Assim nas velhas bretãs passam incessantemente navios fantasmas, navios-infernos como o

Holandês Voador. Muitas vezes também os navios naufragados "voltam", prova de que, de certa forma, o barco forma um todo com as almas.

Voltemos às positivities da percepção aquática. As águas paradisíacas estão no imaginário de todos, seja em rios de águas cristalinas com suas cachoeiras, em águas salgadas das praias ou ainda em lugares onde a água está presa artificialmente. Mesmo nestes lugares artificiais há uma tentativa de recriar os lugares naturais, com flores, arbustos, em um esforço de resgatar a ligação afetiva com a natureza. Apesar disso, é comum encontrar na busca por lugares paradisíacos um retorno à natureza marcado por exigências de conforto, próprio das artificialidades da vida urbana. Vemos esse paradoxo na descrição de um resort sobrevoado por Aquarina. Não obstante, a necessidade de contato com a água justifica, também nesses casos, a manutenção ou criação desses ambientes ditos paradisíacos.

Na infância de Aquarina, percebemos como é comum um banho de rio. Esse lazer parece capturar crianças que vivem em diferentes ambientes. O prazer de dissolução nas águas e a mágica mobilidade que ela possibilita parecem motivadores de um conforto psicológico sem igual, excetuando-se claro os casos de fobias. Vemos isso na obra *Riacho Doce* de José Lins do Rego, onde também a figura feminina mostra seu corpo em banhos solitários como os de Edna: "então atrás de uma moita de guajiru, se despiu. O sol cobriu-lhe o corpo de luz. As suas carnes brancas, os seus peitos tónidos, os seus cabelos loiros iam ser das águas, do sol. (REGO, 2009, p. 194). Bachelard (2002, p.36) também nos mostra a relação carnal com a água e a sensualidade associada aos banhos: "Qual é, pois a função sexual do rio? É a de evocar a nudez feminina".

Positividades e negatividades da percepção dos ambientes aquáticos puderam ser destacadas da narrativa de Aquarina. É fácil compreender que as

relações que estão por trás dessas positivities e negatividades são originadas nas vivências de imersão nos ambientes, em suas águas, mas também em sua cultura, nas histórias ouvidas e contadas desde a infância. A percepção é, assim, uma composição complexa envolvendo a intrincada miscigenação natureza-cultura, não se resumindo ou podendo ser expressa por conceitos formulados e desgarrados dessa complexidade. Por esse motivo, a narrativa de devaneios, quando dão visibilidade a imagens tão contrastantes e intensas, pode dar noção da riqueza da percepção mediada pela força do imaginário das águas.

Concretudes, retomando a infância

O Poço

A água que sai de poço parece vir carregada de poderes mágicos. Acreditava nisso piamente quando tinha oito anos e via surgir o baldinho cheio de água pura das profundezas do pocinho no quintal de casa. Havia uma estória que contavam que quem caísse no poço e conseguisse sair sem se machucar, ficaria jovem para sempre.

Na minha cabeça de criança essas imagens estavam todas emboladas com as elucubrações científicas do Visconde de Sabugosa que fazia estudos geológicos a fim de furar um poço de onde brotasse não água geladinha, mas petróleo. E tudo se confundia na minha cabeça: como lá do fundo podia sair ao mesmo tempo uma água tão limpinha, transparente, e um líquido tão sujo, tão escuro? Fosse como fosse a estória do sabugo pensador, preferia mesmo era acreditar que nas profundezas da terra tinha mesmo água fresquinha que vinha pra cima no baldinho pra matar deliciosamente a sede. Tinha também a estória que contavam pelas bandas do sítio que se fizesse um pedido e lançasse uma moedinha no poço, o desejo se transformaria em realidade. Eu, com o pouco da lógica que conseguia ter no auge dos meus oito anos, pensava que se todo mundo fizesse isso, o poço ia encher de moedinhas e a água sumir. Aí, torcia pra ninguém acreditar na estória dos desejos.

Lembro-me de, depois de grande, descobrir que havia poços espalhados por toda parte e que as pessoas contavam outras estórias sobre eles. A mais interessante que ouvi foi a de um tal Poço de Mimir que ia até as profundezas da terra e, de lá, depois de morrer se poderia voltar a nascer, como se o poço fosse um útero. Tinha também uma estória que ouvia sobre o Poço de Sant'Ana de

Caicó, na beira do Rio Seridó, pelas bandas lá do norte, protegido pela santa para não secar.

Mas, mais que as estórias, a sensação de tocar a água que chegava lá de baixo se arrastou, vívida, pelos anos da minha vida.

Água de beber

Nos meus lugares já tomei muita água, seja ela de poço ou de cacimba, água da fonte ou da nascente, de rio ou de bica, de garrafinha ou barrica... Mas toda com a supremacia da água doce... Já passei enchentes sem água de beber, ou secas com águas barrentas... Aprendi: o prazer de tomar água para saciar a sede é inigualável.

Quem já provou a água que brota da terra não gosta das águas de torneiras ou garrafas... A do chão tem gosto do nada ou da terra, já da torneira nem parece água.

Lembrei da época que chegou a água tratada na região em que eu morava. Fiquei muito feliz, pois eu era uma das poucas crianças da escola que não tinha água tratada em casa. Minha mãe também ficou contente com a modernidade batendo a sua porta, comentava que seu serviço iria diminuir, não seria necessário tirar água do poço com o balde. Mas quem não gostou nada dessa história foi meu pai.

-A água do nosso poço é muito boa, ele é bem cuidado, essa água da rua é cheia de porcaria, não tem gosto de água. Aqui em casa só vamos usar esta água pro banho e pra lavar roupa. Pro chimarrão e pra comida, só de poço.

Água de lavar

As recordações da minha mãe e minha avó lavando roupa no tanque ou no rio nas épocas de águas ausentes, me retomam as lembranças dos devaneios de águas compostas que só serviam para a higiene, seja das roupas ou da casa. Tempos duros, onde a fluidez era menor, as mulheres tinham a incumbência de provir as casas com águas, muitas vezes longínquas...

Procurando os meus espaços vividos, fui rever o lugar da minha infância, que ficava às margens da BR 116. Minha surpresa foi enorme, quando cheguei ao local: no lugar da minha casa encontrei uma borracharia, e onde era a floresta, estava um enorme estacionamento de um posto de combustível. Fiquei pasma! Será que estava sendo traída por minhas lembranças, ou então alguém apagou o lugar da minha infância do mapa atual. Comecei a lembrar de antigos moradores da região e imaginar que talvez eles também tivessem suas existências apagadas da história daquele lugar.

Nhô Joaquim era um homem simples que vivia com sua esposa Nha Maria, em uma floresta atrás da minha casa. Seu lar era igual a ele, simples sem luxo ou extravagância: um casebre de madeira pintado de cal; na cozinha um fogão à lenha que ele mesmo fizera com pedras e barro; ao lado um banquinho para duas pessoas; na outra parede uma mesa e mais um banco; ao lado da porta mais um banco que servia de suporte para um balde com água e uma bacia, onde lavava a pouca louça que tinha e também as mãos. Suas panelas se resumiam em duas caçarolas de ferro e um tacho de cobre que comprara de um cigano. Para beber água, usava uma caneca feita com lata de óleo de soja (usado antes da invasão das garrafas pet). Na última parede um almanaque com a "Santa Ceia", que servia como decoração, pois as folhinhas já estavam todas retiradas. A outra peça da casa era o quarto, que tinha uma cama com colchão de palha, travesseiros de

paina e uma coberta de penas de ganso. Nhô Joaquim, apesar de ser um homem rude, gabava-se de ter construído com suas próprias mãos tudo o que tinha. Sua esposa, uma mulher que passava uma serenidade contagiante, era comadre da minha Avó Ana, e nós sempre íamos lá tomar chimarrão, com erva plantada pela Dona Maria, a qual colhia, secava ao sol e depois moía.

Minha mãe não gostava que eu fosse brincar no mato, então ela inventou que o Nhô Joaquim não gostava de crianças, o que fez com que eu tivesse muito medo dele. Mesmo assim eu vivia no mato brincando ou procurando frutas, mas quando o via, eu sempre me escondia. Certo dia percebi que o ancião estava se aproximando através do barulho dos gravetos no chão se quebrando, então me escondi atrás de uma araucária gigante onde sempre ia catar pinhão no inverno. Foi assim que eu ouvi uma conversa do Nhô Joaquim e Seu José, dono do único posto de gasolina da região, que ficava perto do córrego que cruzava a floresta. Nhô Joaquim falava alto quase gritando, manifestando sua raiva:

- Eu briguei muito com a Nha Maria porque fui vesti minha camisa branca e ela tava cheia de manchas. Chamei ela de relaxada, que tava cum preguiça de fazer as coisa direito, e ela quase chorando disse que não tinha culpa e que devia sê por causa das gordura da água. Desci no rio e vi cum meus próprio zóio que a terra há de cumê, que o rio tá cheio de gordura mesmo. A veia tinha razão. Então fui caminhando subindo o rio e cheguei numa valeta, fui seguindo a valeta, cheguei lá e vi que lavam muitos carros que não são de boi, e a água cas gordura vai pra valeta, da valeta vai tudo pro rio. Então vosmicê é o curpado por eu andar ca minha camisa nova manchada.

Seu José ficou sem ação por algum tempo, pois a fúria era tão grande e a lógica do Nhô Joaquim deixava qualquer pessoa calada. Então passados alguns minutos falou:

- Eu lhe dou uma camisa nova.

- Não, pois quando Nha Maria for lavá no rio esta camisa também vai ficar manchada.

- Então lhe dou também um tanque de cimento pra a Dona Maria lavar roupa, assim não precisava lavar no rio.

- Não, ela não ia querê. Não era depois de veia que iria deixar de lavar roupa no rio, a mãe dela e a avó também lavavam lá no mesmo lugar. Faz parte da herança a tábua de imbuia que ela usa lá no rio.

Senhor José vendo a dificuldade em convencer o matuto, perguntou:

- O que o senhor quer que eu faça?

- Pois é fácil. Para de lavá carro e deixá a água escorrer pro rio. Vendo que o matuto estava irredutível, começou explicando:

- Não posso parar de lavar os carros porque vou ter prejuízo, deixar de ganhar dinheiro e terei que despedir o rapaz que lavava os carros, e também os donos de carros não terão outro lugar para lavá-los.

- E eu num tenho nada a vê com isso. Não preciso de dinheiro e sim da água do rio para lavá roupa. Sem carro todo mundo pode andar, mas sem roupa é feio. Carro é coisa pra rico, eu aqui tenho tudo que preciso... A terra me dá alimento, os passarinho canta pra mim, as árvore me dão sombra da boa pra dormir depois do almoço. Pra que dinheiro? Pra compra sal e açúcar? Isso eu ganho do Compadre Leonardo quando vou carpinar na horta da Nha Ana. Agora vosmicê vem falar em dinheiro!

Nesse momento chegou Nhô Trujak, um curandeiro que também morava ali perto e vinha sempre procurar ervas na floresta e aproveitava para pescar no riacho. Ele curava qualquer doença das crianças e dos adultos, perna quebrada, nervo torcido, dor de barriga da grande e da pequena, fazia parto, curava

doenças das mulheres, rasgadura, tudo com muita reza e garrafadas que ele mesmo fazia, e todo mundo ficava curado, ninguém ia ao médico. Curioso, ele foi perguntar por que Nhô Joaquim:

- Porque vosmicê ta tão bravo?

Depois de ouvir os pormenores de toda a discussão, Nhô Trujak com toda a sua sapiência ficou em silêncio por alguns instantes e depois falou:

- "Nós viemos da terra e para ela voltaremos", são palavras que podemos encontrar na Bíblia, o livro sagrado, todas as doenças vem da terra pelas mãos do homem, e toda a cura vem da terra pelas mãos de Deus. Tudo o que eu uso pra fazer meus remédios estão aqui. Aquele mato que Nhô Joaquim carpe pode ser o remédio pra seu reumatismo. O xarope que eu faço todo mês pro senhor, seu José, é feito de agrião, que eu encontro ali na beira do rio. Se o rio tiver doente, o agrião morre e o senhor não tem xarope. Os peixes que eu pesco não são só para comer, eu uso o fígado do peixe para fazer pomada pra ferida braba, igual aquela que sua mãe tem na perna seu José.

Seu José tenta argumentar:

- O poder da água é muito grande, ela carrega tudo o que jogamos nela, a água nunca passa duas vezes no mesmo lugar. Então a graxa que saia dos carros quando são lavados não voltará mais, vai pra longe, onde a gente não enxerga mais. A água lava tudo, limpa tudo, a água nunca vai acabar. Eu li num livro quando estava na escola que tem muito mais água que terra, então não se preocupem, pode ter graxa aqui, mas o senhor pode pescar e colher agrião pra cima da valeta onde eu solto água. E Nha Maria também pode lavar roupa antes da valeta, eu peço pra um empregado meu mudar a tábuia de imbuia que ela usa, e ainda dou um carrinho de mão pra ela carregar a roupa. Assim todo mundo fica feliz.

Ao ouvir isso, a vontade que eu tinha era sair do meu esconderijo e dizer que eu também usava o rio para brincar, tomar banho, e na época de seca minha mãe e minha avó também lavavam roupa no rio, mas o medo do Nhô Joaquim era tão grande que engoli meus pensamentos a seco, saindo dali somente depois que todos foram embora. Eu tinha vontade de contar tudo para minha mãe, mas não podia, pois eu estava proibida de brincar no mato...

Depois que consegui sair da floresta onde estava escondida, cheguei na minha casa e fiquei pensando naquilo tudo que ouvi os três homens falando sobre o rio que eu tanto amava. Eu precisava contar para alguém, mas em quem confiar? Resolvi então procurar Nhô Trujak e fingir que não tinha ouvido a conversa na floresta, mas mesmo assim questionar sobre o óleo na água do rio de uma maneira sutil. Assim fingi que estava com dor no braço e fui lá pedir para ele fazer uma massagem. Logo que ele começou a pegar no meu braço, eu comecei a tagarelar e logo perguntei se ele tinha visto como estava a água do rio. Então ele parou a massagem e disse:

- Eu sabia que não tinha dor nenhuma. Vi você escondida atrás do pinheiro... Pode enganar a sua mãe, mas não a mim! Isso é assunto de gente grande, não se incomode. Nisso entrou na sala a Nha Feliciano preocupada com a alteração da voz do seu marido, e foi logo perguntando o que aconteceu.

Nha Feliciano era uma Índia muito bonita que o seu Trujak roubara da Tribo dos Kaigangues há muitos anos atrás, em uma das muitas viagens que ele fazia pelas florestas. Com ela se casou e teve um filho que já estava casado e morava longe dali. Apesar da idade, ainda conservava traços de sua beleza primordial. Seus lindos cabelos pretos, longos que ultrapassavam a sua cintura, dispunham de poucos fios brancos, eram presos sempre com duas tranças gigantes. O lar deles era, como a maioria das casas da região, de madeira,

simples, com poucos móveis rústicos, mas a diferença era a decoração: havia muitos quadros com gravuras de santos, um quarto em que ele fazia as suas curas, com um cheiro forte de ervas com álcool e sempre uma vela acesa num alto com a estátua de São Jorge, ao lado um copo com água e um galho de arruda. Um dia perguntei a ele se água era pra beber, e ele me explicou que a água tem o poder de limpar a alma, afastar o mal e curar o corpo. Então, na minha curiosidade de menina, perguntei se aquela era uma água especial e ele sabiamente respondeu que todas as águas são especiais, todas as águas são poderosas, podem salvar vidas, dar vida ou tirá-las.

Seu Trujack ia contando toda a confusão sobre o rio. Depois do susto ao ouvir a história, a mulher começou a falar que o Seu José não era o único culpado, que nós também tínhamos culpa porque o deixamos sujar a água.

- Isso é muito mal. Meu povo acreditava que existem espíritos que vivem na água, e que se nós fazemos mal a ela, os espíritos se vingam da gente. Lembre, Nhô Trujak, vosmicê usa a água do rio pras suas curas, se não cuidar da água ela não vai ajudar mais, não vai fazer mais cura...

O sábio homem torna-se humilde diante da mulher e tenta argumentar que ele está pegando a água antes de ser engraxada com óleo. Nha Feliciano lembra que seu povo acreditava que todas as águas são as mesmas águas, todas são da mesma substancia, a água que sobe para os céus para ser purificada é a mesma que cai em forma de chuva, então a água é uma só.

- Se vosmicê sujá uma água, está sujando todas.

Eu sai de lá em silêncio deixando o casal sozinho tomando chimarrão e discutindo sobre a água, a mesma água talvez que eles estavam tomando... Impotente, entendendo que naquele momento eu não podia fazer nada, fui ver o rio, que sempre foi paciente comigo. Muitas vezes já transportara minhas

lágrimas para longe misturadas com suas águas, que também me tranquilizavam com seu barulho sereno. Mas naquele dia eu achava que era ele quem precisava de mim. Cheguei e sentei-me na sua margem, fiquei olhando a água desviando algumas pedras grandes que estavam em seu leito, fiquei imaginando que mãos teriam colocado elas ali... No fundo do riacho haviam muitas pedrinhas pequenas, esbranquiçadas que brilhavam com uma sutileza sem igual quando encontravam a claridade do sol. A distância de uma margem até a outra era pequena e se podia atravessar pelo pranchão de Imbuia da Nha Maria. Do outro lado da margem havia uma árvore pequena de gabirolva e alguns pés de amora branca, as quais nunca davam frutos na mesma época. Uma folha de araçá navegava nas águas cristalinas e, em cima dela, uma lagarta tentava viajar seca naquela imensidão sem saber ao certo qual seria seu destino, onde a folha iria ancorar. Então comecei a imaginar que aquele riacho em que a água não chegava na minha cintura de menina, para aquela lagarta deveria ser um mar e comecei a admirar as lagartas, pois descobri que elas são corajosas. Ou será que ela não estava ali por sua vontade e foi vítima de um acidente? Então vi dois peixinhos que brincavam na margem do rio e logo imaginei o susto da lagarta ao vê-los. Para ela, imagino, deveriam ser como dois tubarões... Eles estavam como dois garotinhos apostando corrida, iam até a margem e voltavam correndo até o meio. Então, travessa, peguei uma pedrinha e atirei na água, acabando com a brincadeira peixesca, e eles foram embora sorratamente. Arrependida, continuei olhando para as águas que passavam por mim e percebi que tinham minúsculas bolhas que brilhavam muito flutuando sobre as águas. Fiquei imaginando o que seria aquilo, depois me lembrei da conversa do Nhô Joaquim e, então, deduzi que aquilo deveria ser a graxa que ele falava, mas não me pareceu tão assustador. Peguei um lenço, daqueles de algodão branco, que as mães sempre colocavam no nosso bolso,

e molhei levemente naquela água brilhante, olhei e o meu lenço ficou meio amarelado... Mais uma história que eu não sabia como explicar para minha mãe, o que ela iria pensar quando fosse lavar minha roupa? Então comecei a pensar como ficara a roupa que Nha Maria lavara ali.

Ontem na minha adultice, depois de quase 30 anos, fui rever o que restava do rio. Não sei se a baixa estatura de criança deixa tudo maior do que é, ou então aquele rio na sua velhice ficou menor... Não havia mais a companhia da floresta e a tábuca da Nha Maria que havia resistido a três gerações também não estava lá. A água que outrora era transparente agora não tinha mais pedrinhas de brilhante refletidas pelo sol.

URBANIDADES, retornando à adultice

Continho curto de uma pequena urbanóide:

Que raio de barulho é esse? No tédio da tarde de domingo, olho a janela: pedrinhas brancas espalhadas pela sacada... Chove forte e os carros todos passam com as lanternas acesas. Buzinas congestionadas. Preciso sair. A chuva amansa. Desço e paro indecisa na porta do prédio. Dois passos ainda titubeantes e os óculos respingados. Um minuto de distração para limpar as lentes e o pé esquerdo mergulhado numa grande poça. Ando três quadras e a água volta a cair com força. As calças já ensopadas e, provavelmente, minhas orelhas vermelhas de raiva. Mais meia quadra e as folhas debaixo do braço caem e viram barquinhos flutuantes e depois fantasmas translúcidos. Então está tudo perdido. Dou meia volta e começo a correr na direção do prédio. Mas... Resolvo parar de brigar com a chuva. Ando calmamente e presto atenção na dança dos pingos d'água no asfalto. Lentamente vou levantando o olhar, antes fixo no chão. E vejo os riscos densos de água de um lado; do outro, lá longe, pedaços de um arco-íris entre prédios. As roupas molhadas grudadas no corpo úmido e, de repente, um arrepio subindo pela pele. Os sapatos pesados. Resolvo tirá-los. O alívio me lança ao mergulho de fundo de quintal no Capivari-Mirim. A água cedendo a intrusos raios de sol de fim de tarde. Atravesso a rua. Meus pés cortando o mormaço que sobe do asfalto. Portão adentro e sou uma estranha respingando o ambiente asséptico, em meio a olhares reprovadores... Elevador sobe. No apartamento, os restos de respingos no carpet. Da janela contemplo o cenário da minha pequena aventura. Olho o horizonte na expectativa de ver nuvens densas.

Águas tristonhas: para onde a fluidez?

Meu devaneio me levou pra lugares mais densos.

Procurando algo fluido na capital ecológica, perguntei para um moço que estava no ponto do ônibus, onde encontraria água de beber. Ele respondeu que ali só se bebe água mineral.

Um pouco além, perguntei a um garoto que cuidava de carros. Ele disse que água boa se encontrava nas praças. Havia em cada uma delas um chafariz... Uma fonte, um lago ou uma bica... Perguntei novamente em qual praça procurar. Ele respondeu: "em qualquer uma, quase todas tem nome de gente importante".

Estava já meio tonta com tantas informações desencontradas. Era dia atípico em Curitiba e o calor me fazia sentir um pouco amortecida. Parei pra tomar um café e, olhando lá pra frente, soube por onde iniciar minha busca. Comecei por Rui Barbosa, homem sábio. Destinaram a ele um grande espaço cimentado, algumas árvores antigas, muitos coletivos pegando e deixando pessoas. Poucas flores, pouco verde... Nenhuma morada encantadora para a liquidez. Mas encontrei um pouco de água que saia de uma fonte toda revestida de concreto... Nada comparável à bica de água que nasce na serra da prata.

Lembrei então das tardes de domingo, quando costumávamos subir o morro, começando pelo canal que corta a cidade e logo chegávamos ao final do Tabuleiro onde a altitude era maior. Em meio a tocos e pedras começava a diversão, os pés cansados regados pela água corrente que descia entre o vão dos dedos dando um frescor sem igual. Uma borboleta Caída na água com suas asas molhadas, com um movimento sutil e delicado foi salva. Depois de um pouco de esforço chegávamos à fonte de água cristalina, um pequeno buraco por onde saia muita água e, ao redor, muitos arbustos e raízes que faziam um acabamento naquela obra de arte.

Fui despertada deste devaneio por um garoto que tinha uma caixa cheia de pacotinhos com jujubas, e perguntou se eu não gostaria de comprar uma. Mesmo não gostando de jujubas acabei comprando um pacote. Após dar o dinheiro, perguntei a ele onde tinha água, e respondeu que existe uma rua onde acontece de tudo, e só anda gente a pé, ela começa em uma praça de homem de muita rigidez, um tal *General Osório*. Cheguei ao local e vi muitas árvores grandes iguais as da outra, muitos pássaros que expeliam fezes lá do alto, bancos para as pessoas sentarem e pessoas sentadas nos bancos olhando outras que passavam. Encontrei um garoto que estava procurando alguém que usasse sapatos para engraxar. Seguindo-o descobri que ali havia muita água que saía do cimento, caía e formava um lago, mas sem fundo de areia ou terra. Alguns moleques estavam tentando se refrescar naquela fluidez... Chegaram dois homens com roupas iguais carregando algo que parecia um pedaço de pau preto e mandou que eles saíssem dali, porque aquela água não era para eles.

Continuando a busca, fui pra rua cheia de gente. No início, algumas mulheres com cartazes clamando pelo fim da impunidade no trânsito, pareciam pessoas sofridas que perderam entes queridos. Além, muitas bandeiras com várias siglas, obras de arte, gente conversando ou andando rápido, mais homens com roupas iguais e armados, uma estátua de carne, ninguém olhando, olhos que não se olham, amigos bebendo águas compostas, mais pessoas com roupas iguais, homens com roupas diferentes sendo abordados por homens com roupas iguais, etc. Um rapaz fala empolgado sobre a última viagem de férias e o seu colega como se não ouvisse nada do que o colega falou, começa a contar sobre as brigas com a mulher.

Adiante uma Tiradentes. Hilária. Mais pessoas com roupas iguais... Uma multidão aglomerada realizando um culto católico, com muitos homens de branco,

homens de marrom com sandálias de couro e sem cabelo na parte de cima da cabeça, muitas pessoas com roupas coloridas, muitas pessoas dormindo nas calçadas. Uma mulher com uma camiseta escrita *Jesus Quer Te Abraçar*. Um menino passou e ela se esquivou. Outros carregavam bandeiras pedindo *PAZ*. Árvores, bancos... Água? Tudo que encontrei: vidros transparentes, sem espelhos d'água... Indaguei uma senhora que passava cheia de sacola, sobre a água. Ela respondeu que em outros tempos os cavalos tomavam água ali atrás da Catedral no Largo...

Lá as estruturas de concreto eram menos altas que nas outras ruas em que passei. Havia pedras cobrindo a terra e a única água ali estava em um bebedouro no formato de uma bacia, em cujo fundo escondiam-se várias pedrinhas. Andando, incansável, procurei um pouco mais e descobri que um dos cavalos que bebia água ali parecia agora ter virado um babão que fica o tempo todo jogando líquido fluído pela boca. Em volta, dele haviam várias tendas armadas, cada uma com diferentes objetos desde artesanatos até alimentos fritos ou cozidos todos com preços marcados. Em uma destas barracas haviam objetos decorativos que imitavam fontes de água, eram feitas de barro, onde a água entrava e saía como magia.

Muitas pessoas transitavam naquele espaço, com roupas coloridas, muita gente alegre e bonita, olhando os objetos, mas raramente comprando algo, um homem sem cabeça usando uma capa amarela distribuía panfletos sobre uma casa de shows de humoristas. Então questionei uma menina que passava com seu pai sobre onde poderia encontrar mais água e ela me mandou descer a rua e iria encontrar um senhor idoso e doente chamado Belém...

Descendo pelo caminho batizado Matheus Leme encontrei casas antigas, casas abandonadas, casas invadidas e, em uma destas, me deparei com uma

roseira muito antiga que teimava ainda em florescer. Em seus galhos uma sábia aranha fez uma teia gigante, própria para o seu tamanho. Uma abelha foi retirar néctar das rosas e ficou presa naquela armadilha, por alguns minutos tentando se livrar das finas cerdas aracnídeas. O inseto predador ficava só analisando a luta da abelha e, quando a coletora de mel parava para descansar, a aranha descia pelo emaranhado para ver se sua presa estava pronta para o golpe final. A abelhinha voltava então para a sua batalha com a teia. Quando percebeu que a operária não tinha mais forças, a aranha veio e deu a sua picada de misericórdia.

Continuei procurando águas escondidas... Rua abaixo... Bem lá embaixo avistei um fio de vida correndo... Águas compostas e tristonhas... De um colorido esverdeado quase cinza, igual a céu que vai chover. Fui seguindo sua margem como fazia com os rios da minha infância... Que susto! Ele acabou em uma rua cheia de concreto... Encontrei uma mulher carregando uma criança pequena dentro de um carrinho de papel, e perguntei para onde fugiu o rio?... Ela disse que o rio não fugiu, mas os homens acharam que ele estava ficando feio e, então, o esconderam... Disse ainda que eu poderia encontrar suas águas novamente ali onde se guardam os animais em grades...

Um portão grande, talvez para as águas e árvores não fugirem, muitos caminhos, águas coloridas e esverdeadas, fechadas e abertas, paradas e tristonhas, olhando para quem passava... Animais amedrontados e tristonhos, imaginando o que aqueles seres tanto olhavam... Ou não.

Retornando aos lugares de "homens importantes"... Tinha um que parecia nome de humorista - "Zacarias"... Lá as águas saiam de grandes torneiras que nunca eram fechadas... Mas, mesmo naquele dia escaldante, quem passava não podia beber, nem tomar banho, nem molhar os pés. Ouvei os taxistas reclamando "de que adianta olhar para a água e ficar só na vontade de se refrescar?".

Pouco além, apareceu a Carlos Gomes... Lá o homem copiava a natureza, mas sem qualquer pretensão de perfeição. Uma cachoeira nada parecida com a do Salto Parati, cabando em um lago azul esverdeado sem cristalina, sem peixes... Somente águas concretas e estagnadas por concreto. Chegou próximo a mim um senhor de meia idade e ficou olhando para aquelas águas também. Então eu perguntei a ele:

- Nesta cidade não existem águas livres, boas de nadar e pescar?

Com um sorriso tristonho ele respondeu:

- Ainda existem águas livres, as do Iguazu, do Barigui e talvez até a do Irai. Quando eu era um garotinho, eu e meu pai costumávamos todos os finais de semana pescar nestes rios, mas hoje quase não se encontra mais peixe, e também não sei se ainda são bons de nadar.

Nesse instante levei um susto... Fiquei gelada com as águas da onda maior que chegou até mim! Parece que meu corpo recobrou os sentidos, era como se eu tivesse sofrido uma grande queda, como se retornasse a vida ou simplesmente acordasse dos meus devaneios... Em volta, a areia já vazia, com poucas pessoas aqui e ali. O céu já de um tom violáceo, anunciando a noite que ia chegar. O livro "A Água e os Sonhos" do Gaston Bachelard saiu flutuando pela água, que se movimentava graciosa no de sua fluidez, e desapareceu.

Percepções em concretudes e urbanidades

Nas concretudes propostas pelas narrativas, aparece uma percepção mais utilitarista da água, mas sem deixar de lado os encantos que os lugares aquáticos, permeados por lendas e mistérios, causam em cada ser humano. Durante a narrativa *O Poço*, percebe-se os encantos que este local desperta, como o lugar dos desejos e da gênese das águas. Destaque-se o medo que a criança tinha de que a água sumisse se todos jogassem moedas no poço, e também a curiosidade infantil em saber como a água podia sair tão limpa de dentro da terra, mantendo-se em evidência a preocupação com a água como um elemento vital.

Artistas populares, como é mostrado na terceira parte do trabalho, também brincam com as fantasias da água como imagem da tranquilidade, da calma, como Figheira, que diz que a água do poço não foge, ela fica esperando alguém que queira matar a sua sede. Bachelard (2002, p.144) lembra que "para compreender o preço de uma água pura, é preciso ter-nos revoltado com toda a nossa sede enganada, após uma caminhada de verão...". Em sua análise, a tranquilidade é quase sempre associada ao lago, "um grande olho tranquilo" (BACHELARD, 2003, P.30). Percebemos o mesmo adjetivo para a água que o empregado por Figheira, mas cada artista enxerga esta tranquilidade em locais diversos, mas ambos em ambientes onde a água está represada.

A descrição da água de beber dentro das narrativas traz à tona o conflito entre diferentes culturas e épocas, que poderíamos destacar como a captação direta em poços, fontes e rios, em populações rurais mais antigas, em comparação com as canalizações nos ambientes da modernidade, que chega também às casas no interior, como água tratada. Na narrativa está destacada a percepção do conflito entre tomar a água da torneira que tinha "gosto" ou continuar tomando a água do poço que não tinha sabor. Isso fica claro na fala do pai da personagem:

"Aqui em casa só vamos usar está água pro banho e pra lavar roupa. Pro chimarrão e pra comida, só de poço". Inversamente da mente moderna, água limpa era água de poço e água encanada não serviria para beber. A racionalidade estava chegando ao campo, como nos faz pensar a reflexão de BACHELARD (2002. p.141): "para uma mente moderna, a diferença entre uma água pura e uma impura é inteiramente racionalizada. Os químicos e higienistas passaram por ai: um letreiro em cima de uma torneira designa uma água potável".

Durante a água de lavar, percebe-se que a narradora regressa ao seu passado através de uma viagem na busca de seus lugares. No percurso, vai designando funções para os tipos de água. Fala do sofrimento das mulheres que deviam buscar lugares para lavar roupa nas épocas de seca. São claras também as percepções sobre a transformação do espaço através dos tempos, as lembranças do lugar onde morava, a busca pela sua casa, que não está mais no lugar. A importância da casa como ancoradouro do ser humano no lugar, como laço afetivo que se perde a materialidade nas mudanças ocorridas.

Prossegue com as memórias, visitando personagens que fizeram parte de sua história. Um dos personagens mais marcantes é o Nhô Joaquim, homem matuto que vivia na simplicidade de alguém para quem os artifícios d vida moderna ainda não tinham sentido, alguém para quem o dinheiro não fazia falta, pois plantava o que comia ou colhia o que necessitava da floresta. Sua esposa Nha Maria, mulher humilde, feliz com a vida que levava com o marido, lavava roupa no rio com a tabua que herdou da sua família. A importância que o rio tinha na vida daquelas pessoas é clara em todos os momentos, mas a narradora destaca como cada morador dava uma função diferente para ele. Nha Maria via o rio como o lugar em que ela lavava as suas roupas. Seu José, o dono do posto de combustível, utilizava a água daquele lugar para lavar os carros e depois devolvia a mesma água

para o rio. Nho Joaquim só percebe que o rio estava ficando "poluído" quando vai vestir uma roupa que ficou suja com óleo e resolve tomar satisfação. Outros personagens entram em cena. Primeiro Nhô Trujak, que era uma espécie de curandeiro da região, depois sua esposa que era nativa, momento em que são destacados os contrastes de percepções: os dois primeiros, Nhô Joaquim e Seu José, percebem a água como elemento de purificação, que tem a função de limpar; Nhô trujack dá uma função ecológica para a água, quando mostra a interdependência que existe entre os seres e o meio onde vivem; sua esposa vai além da ecologia, falando da presença das divindades que cuidam do universo e se rebelam contra o homem quando este não cuida dos presentes que herdou. A convivência com estes personagens foram fundamentais para as percepções construídas pela narradora. As aulas de ecologia de Nhô Trujak valeram mais do que as teorias acessadas nos livros do ensino fundamental das aulas de ciências. Ficou muito marcado de sua fala: "...todas as doenças vêm da terra pelas mãos do homem, e toda a cura vem da terra pelas mãos de Deus". Confesso que até hoje penso sobre esta citação que ele fez, e isso desperta em mim muita curiosidade em saber quem teria transmitido para ele tanta sabedoria. Chama-me a atenção a lembrança do curandeiro contando o segredo dos xaropes feitos de agrião que nascem na margem do rio, que poderiam ficar contaminados se o rio também o fosse, ou contando que o fígado do peixe que ele usa para fazer as pomadas que auxiliam na cicatrização poderiam não ter o mesmo efeito se o peixe viesse de águas que estivessem contaminadas. Assim, naquela época, pude ampliar minha percepção das interligações existentes entre os componentes de um ambiente.

A visão capitalista e utilitarista do Seu José também é clara, quando ele diz que "o poder da água é muito grande, ela carrega tudo o que jogamos nela, a água nunca passa duas vezes no mesmo lugar." Na percepção de Seu José, a água

tem a função de limpeza e nunca acabaria. O óleo que sai dos carros seria levado pelas águas, e o problema se resolveria se usassem a água do rio antes do despejo dos resíduos oleosos.

A preocupação da menina escondida atrás da araucária, por sua vez, só aumentava, pois ela pensava que o rio que estava ficando sujo era o mesmo em que sua família lavava roupa nas épocas de seca. A ansiedade foi maior quando a menina se lembrou de que aquele era um local proibido para ela, e ela não devia ter ouvido aquela conversa. Em seguida, a busca por ajuda na casa do Nhô trujak que, diante daquele cenário, era a pessoa que inspirava mais confiança no momento, mas este a repreende dizendo que ela não poderia interferir no mundo dos adultos. Testemunha, então, a intervenção de Nha Feliciano, mostrando ao marido que o acordo realizado na mata não estava correto, que existem espíritos que vivem na água, que seu povo acreditava que toda a água é a mesma, ela cai na terra do mesmo lugar. E a garota lembra uma fala do Nhô Trujak a respeito da água que está posta como oferenda a São Jorge: todas as águas são especiais, todas as águas são poderosas, podem salvar vidas, dar vida ou tirá-las.

Depois de testemunhar toda aquela conversa, a menina vai pensar, quieta, na beira do rio que gerou a discussão, e começou a perceber os elementos e analisar que o tamanho das coisas não dependia somente das coisas em si, mas do tamanho de quem as observava. E constata que a mesma água que lava também pode sujar, quando coloca o seu no rio. Na vida adulta, tal percepção perduraria, com sentidos ampliados: o observador não só dimensiona e dá importâncias distintas às coisas, como desenha seu mundo e seus lugares conforme esse valor que lhes atribui.

No *Continho curto de uma pequena urbanóide*, a narradora destaca o contraste entre o prazer com que uma criança experimenta o banho de chuva

numa vida integrada com a natureza, e o desconforto vivido por uma pessoa adulta na cidade, preocupada com a chuva que iria molhar a sua roupa e depois respingar em seu carpet. A criança sentia prazer na chuva, enquanto a adulta teve que reaprender sua naturalidade. Depois de relutar com a água da chuva, talvez desperta por lembranças infantis, a adulta entrega-se ao frescor primaveril da água. Experiência de contato destacada também por Bachelard (2002. P.34): "esse frescor que sentimos ao lavar as mãos no regato estende-se, apodera-se da natureza inteira. Torna-se logo o frescor da primavera".

Nas águas tristonhas, fica clara a busca dos resquícios da sua infância rural na cidade grande, onde a água está disposta de maneira diferente e tem outras funções. Começa pela água de beber que ela não encontra nas bicas ou poços da cidade, como era normal no interior. Agora, as águas são, em sua maioria, dispostas em fontes artificiais concretadas e não parece mais saírem da terra. Estão sempre em praças com nomes de gente. Outra diferença notada é que não havia florestas em volta destas águas. O conflito aumenta quando ela tenta sempre comparar as águas dos ambientes urbanos com as águas rurais que povoaram uma infância fluida e feliz. Mas comparar espaços em épocas diferentes é incoerente, senão para buscar a compreensão das faltas sentidas e de uma percepção que precisa se deslocar para a construção de novas formas de interação com o ambiente. A comparação entre espaço rural vivido e espaço atual urbano não é uma tentativa de mostrar o ideal e o real, mas sim perceber os diferentes e a necessidade de novos modos de viver que não agridam de todo os laços afetivos advindos de outros âmbitos.

Para as crianças da cidade, árvores frutíferas não poderiam saciar a fome, não existia o direito de brincar na floresta, e as águas que encontravam nas praças eram proibidas, já que, apesar do calor não podiam se banhar ali. Eram

águas de embelezamento e não de contato. As cidades usam as águas expostas para construírem efeitos de beleza. Mas a beleza que a narradora conhecia era diferente: água bonita era as das bicas da Serra da Prata.

A busca por rios, como os do meio rural, faz com que a narradora encontre um rio urbano quase totalmente canalizado, escondido no subsolo, sendo que as poucas partes visíveis de seu leito são revestidas por concreto. Não lembram em nada os ribeirões onde costumava banhar-se com seus amigos. E as águas escondidas que conhecia na sua meninice eram as das fontes que brotavam no chão. Na cidade eles escondem os rios e, em resposta à dúvida sobre o motivo de tal estratégia, um menino fala que o rio estava ficando feio e, então, o esconderam. Nesse momento, a dúvida: a velhice dos rios e dos homens é igual? Tristonha, sem fluidez? E a velhice dos rios ocorre só nas cidades?

Pensar as concretudes, à luz de uma revisitação dos modos de viver de tempos que se foram, faz vir à visibilidade uma percepção ambiental carregada de anseios para o futuro. Como já dito, não se trata de uma pura apologia nostálgica ao passado, mas à busca de sentidos que motivem a arquitetura de lugares possíveis. Essa motivação é algo que se projeta em minhas falas cotidianas, em minhas conversas com meus alunos, transformando-se em potência de realização, em vivências compartilhadas que podem gerar desejos de integração e de conhecimento de diferentes culturas, de distintos modos de viver e de estar imersos no mundo.

Parte III. Da escrivania...

...“diálogos”

É certo que da infância das águas só "sabe" quem ouviu o entardecer das cascatinhas de águas translúcidas. Mas, é surpreendente ir encontrando gente que experimentou sua fluidez e compôs imagens, sons, desenho de palavras, teorias até, para falar de algo que nos toma como garras líquidas. Tanto esforço de desvendar os mistérios das águas e um imaginário cada vez mais impressionante...

Daqui da escrivaninha, mergulhada em um caos de livros e CDs, fico meio aliviada por perceber que a terra soube guardar segredos... Oásis subterrâneos, água que deságua e se esconde.

Triste sina dos teóricos da água. Imagino bem... Aqui da escrivaninha, no momento em que tento esboçar as primeiras letras, já sou embalada pelas gotas de um início de chuva lá fora. Tento me concentrar e as gotas insistem batendo ritmicamente na vidraça... Talvez seja mais simples começar pelos poetas... Foi assim, invertendo o início pelas escritas duras das análises das complexas relações dos seres humanos com água, assaltada pelos entremeios das expressões poéticas, que desenhei a trajetória do fluido ao denso, das imagens às conversas sobre águas tornadas matéria de expressão e, depois, de entendimento. A partir dela, brotou o caminho sinuoso que imita a vida: do nascimento à morte. Tentativa de dar voz à água nas experiências de uma criança que cresce/amadurece com ela: da nascente aos canais; da alegria saltitante à quase imobilidade represada.

A água é, talvez, a materialidade que recebeu as mais diversas e contraditórias construções imaginárias: do mistério e acalanto das águas submersas, fontes e pequenas quedas à monstruosidade e ameaça das águas densas e de inundação. Seus humores são composições humanas de imagens que se cravam nos afetos e discursos. Com Garcia (2007, p.17): "de todos os

elementos, nenhum tem a abrangência simbólica da água. Seus significados não são apenas múltiplos, mas mutantes e antagônicos". Bachelard (1997) considera a água como um grande motivador da imaginação, podendo-se destacar vários significados que a água tem para o humano: a forma como a água se destaca dos demais elementos; a capacidade de manutenção do equilíbrio após eventuais perturbações; a geração do belo e da sensação de paz; a receptividade e miscibilidade envolvente; a maleabilidade e a sonoridade.

Os *diálogos* com Bachelard são quase espontâneos quando se tenta falar sobre o potencial poético das águas. As águas motivam a gestação de imagens múltiplas e complexas e, na análise bachelardiana, a imaginação é tomada como uma "potência autônoma", não reduzida à simples deciframento como nas teorias jungianas, ou cobertura de pulsões, como na psicanálise. A imaginação tem uma "necessidade própria, que é a de multiplicar as imagens quase gratuitamente, pelo prazer" (FELICIO, 1994, p.70). Essa concepção de imaginação conduz à compreensão da imagem literária como "campo privilegiado para a manifestação de 'sentido em estado nascente'" (*Id.*, p.xii). Permite admitir, assim, que um mesmo elemento imagético apareça com várias significações: "o Elemento Água pode surgir na imagem das águas claras e mansas, ou na imagem das águas escuras e revoltas, determinando diferenças poéticas no interior de um único núcleo elementar" (*Id.*, p.xiii).

Não por acaso, as civilizações se formaram próximas aos grandes rios. Além de representarem a oportunidade de acesso a um recurso indispensável, foram fontes de construções míticas de toda humanidade: de belezas mágicas à mitos de terror, de deuses sanguinários e de ameaças de enchentes ou desertos. A imagem da água varia de fonte de vida, nos vedas, eterno devir, no Yin chinês ao antagonismo entre pureza e ira divina na tradição judaico-cristã (GARCIA,

2007, p.18). Rodrigues (2010) destaca também: na Mesopotâmia, no Médio-Oriente, o Éden estava ligado aos quatro rios e à fonte da vida; na China, o "*wou-ki*" - a água - era o rio das origens; na tradição asteca, a água era semente da vida. Aponta ainda que as mitologias mágicas declinaram ao longo da história das civilizações, passando a água a ser tomada como elemento passivo a ser dominado por forças tecnocientíficas.

Longe, porém, de aceitarmos esse declínio definitivo do rico imaginário mítico da água, estamos ainda rodeados de imagens fantásticas de liquidez. Há nos nossos discursos poéticos e construções literárias uma profusão de formas aquáticas que ocupariam outro século de esforços bachelardianos. Nas riquezas escondidas de águas doces e marinhas: cidades submersas, como Atlântida, botos cor-de-rosa transmutados em lindos jovens, monstros e sereias, almas afogadas, deuses e gigantes, príncipes e reinos encantados, poderes de Tristão, mistérios do Triângulo das Bermudas...

Ainda nos noticiários de nossos dias mais atuais, a imagem de um ser furioso, se vingando das violências contra a natureza, é veiculada em chamadas de "fúria das águas"... Bruni (1994, p.57) nos auxilia na complexidade:

...se levarmos em consideração o papel que a água desempenha nas mais variadas culturas humanas, nas religiões, nas cosmogonias, nos mitos, nas artes, nas literaturas, e na própria filosofia, abre-se perante nós toda uma outra perspectiva em que a água deixa de ser apenas parte fundamental da natureza externa e da vida biológica para tornar-se dimensão essencial da vida especificamente humana. Isto é, é na dimensão simbólica que a água diz respeito mais profundamente à vida e ao homem.

Para cada cultura, a imagem da água chega em formas desenhadas sobre as manifestações de suas múltiplas materialidades: os mares e praias; os rios, regatos, riachos, fontes e nascentes; as chuvas, o orvalho; as quedas d'água e as correntezas; as águas profundas e dormentes; as águas mortas; as águas

violentas; geleiras, gelo; lágrimas (*id.*, 59). Bruni reconhece, nas diferentes filosofias e religiões, a força recente do imaginário aquático, destacando o prana, sopro vital, nas alegorias tântricas, o símbolo da fertilidade e fecundidade em diferentes culturas, a força regeneradora e poção de imortalidade para montanhese vietnamitas, a mãe e matriz (útero) para os hebreus e os pontos d'água - poços do deserto e fontes - como lugares de alegria e encantamento na cultura judaico-cristã.

Poetas e músicos tentam dramatizar os enigmas das águas escondidas. Ouço Zé Vicente, na música *Água Sagrada*: "Água que vem do seio da terra trazendo consigo divinos segredos". Que segredos rondariam a alma do poeta? A expressão *divinos segredos* sugere algo não terreno, não mundano. Mas não vem a água do interior mesmo da terra? Nada etéreo, senão enigmática materialidade.

Prevê, Helena Kolody, os primórdios das águas... Na poesia *Âmago*, ela comenta sabiamente que as montanhas guardam segredos que não podem ser revelados através da água que sai da encosta. Responde a Zé Vicente:

Quem bebe da fonte
Que jorra na encosta,
Não sabe do rio
Que a montanha guarda.

(H.KOLODY, *Sinfonia da Vida*, p.29)

Os sonhos fluidos de Bachelard fazem referencia aos segredos que saem das fontes. Com Zé Vicente: "A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes." (BACHELARD, 1997, p.9)

De volta ao meu mundinho caótico, de onde tento dialogar com os pensadores de água... Tento ancorar de meus devaneios aquáticos e me concentrar na fenomenologia de Gastón: "se quero estudar a vida das imagens da água, preciso, portanto devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal." (*id.*, p.08). Retorno às águas corporalmente experimentadas nos lugares vividos. E a âncora já se soltou... Sinto-me à vontade pra visitar outros devaneios mundanizados: nas bicas das músicas, nas fontes, nos ventres grávidos e fios cristalinos.

As fontes têm uma aura: elas suscitam sensações de leveza, de renovação. Encantam também pelos ares de mistério. Fontes onde se depositam segredos, em Raul Seixas e Paulo Coelho, em *Água Viva*: "eu conheço bem a fonte que desce aquele monte, ainda que seja de noite; nessa fonte está escondida o segredo dessa vida...". Água viva encontrada pelos poetas: "...o poeta mais profundo encontra a água viva, a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a água que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos corredios..." (BACHELARD, 1997, p. 12).

Tanto a clareza quanto a mobilidade das águas nascentes que jorram e lançam-se no desconhecido sugerem a força que precisa ter uma água tão pequena, tão calma, para gerar os límpidos córregos e depois os caudalosos rios. É quase um mistério que se aparta da lógica das dinâmicas físicas para sugerir uma metamorfose fantástica. Poetam também as nascentes como um rio bebê que acabou de nascer: imagem rica para os imaginantes da terra-mãe. Vinícius de Moraes na sua poesia *O Rio*:

Uma gota de chuva
A mais, e o ventre grávido
estremeceu, da terra.
Através de antigos

Sedimentos

...

Um fio cristalino

Distante milênios

Partiu fragilmente

Sequioso de espaço

Em busca de luz.

Um rio nasceu.

(VINÍCIUS DE MORAES. *Nova Antologia Poética*)

Mudam com as imagens da água, das nascentes aos grandes rios, as impressões que suscitam: de aconchego e encanto ao estranhamento e medo. Mas, ainda assim, guardam os rios, em algum lugar de suas profundezas, o encantamento das fontes. Energia primordial, a nascente representa o parto, gênese da existência do rio, que carrega seus poderes de disparar devaneios. No pensamento bachelardiano, o sonhador evoca a fonte longínqua do rio quando vê a água passar.

O rio, malgrado seus mil rostos, recebe um destino único; sua fonte tem a responsabilidade e o mérito de todo o curso. A força vem da fonte. A imaginação quase não leva em conta os afluentes. Ela quer que uma geografia seja a história de um rei. O sonhador que vê passar a água evoca a origem legendária do rio, a sua fonte longínqua. (BACHELARD, 1997, p.158)

No devaneio das águas do rio não se sonha com outras águas que não sejam as originárias. Os caminhos fluídos fazem parte dos devaneios de Fernando Pessoa. Assim sonhava com momentos passados, brincadeiras nos rios de sua infância, com águas que foram e não mais voltarão.

O rio que passa dura

Nas ondas que há em passar,

E cada onda figura
O instante de um lugar.

(F. PESSOA. *Obra Poética*, p.533)

A origem dos rios é alvo de belas construções míticas no Brasil. No imaginário indígena há, por exemplo, o mito da origem dos rios Xingu e Amazonas. Os índios moravam em um lugar no mato que não tinha rio e Juriti guardava a água em tambores. Os filhos do Pajé foram pedir água para o passarinho, que a negou. Revoltados, e desobedecendo as ordens de Cinaã (o pajé) quebraram os tambores, enraivecendo Juriti. O peixe grande que estava dentro do tambor engoliu Rubiatá, um dos irmãos, ficando com as pernas fora da boca. Os outros dois irmãos começaram a correr e foram fazendo rios e cachoeiras. O peixe grande foi atrás levando água e fazendo o rio Xingu. Continuaram até chegar ao Amazonas. Lá os irmãos pegaram Rubiatá, que estava morto. Cortaram suas pernas, pegaram o sangue e sopraram. Rubiatá virou gente novamente. Depois eles sopraram a água lá no Amazonas e o rio ficou muito largo. Voltaram para casa e disseram que haviam quebrado os tambores e que teriam água por toda a vida para beber.

De norte a sul, as lendas vão se alimentando de imagens de águas. O grande rio Uruguai, que separa os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, hoje represado, originou-se de uma chuva de passarinhos... Anhaguapitã, o diabo vermelho, arrancado de uma soneca no pé de uma figueira pela cantarola de milhares de Urus, os pássaros cantadores, soltou um tufão de vento que levou os pobres cantadores bem pro alto. De lá, eles continuaram a cantoria e Anhaguapitã fez uma grande explosão com cheiro de enxofre que derrubou todos os cantadores de uma só vez. O guardião do céu, São Pedro, enternecido, veio ao socorro dos coitados: lançou com a mão uma força mágica que foi transformando

cada avezinha em milhares de gotas d'água e algumas pedras. Nascia, cheio de forças aladas, o grande Urugrai.

Nascimentos mais calmos, das pequenas fontes ao mar, o amadurecimento das águas. O músico nordestino Luis Gonzaga mostra a trajetória de um rio na sua música *Riacho do Navio*, que com suas águas e seus caminhos vai alimentar um outro maior. Seguindo esta seqüência ele termina misturando as suas águas doces junto com as águas marinhas, fazendo assim uma composição de águas.

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar

Almir Sater também conta a saga das águas dos pequenos rios que fazem sua viagem tendo o mar como destino, como um desejo suicida de morrer no mar, nesta música que tem o nome de *A Água Que Correu*: "Água que correu, ribeirão levou; foi pro oceano e lá se evaporou". Ciclo fechado? Da leveza das nascentes, passando pelas densas corredeiras, pela imensidão do mar e voltando à existência leve, suspensão no ar.

O rio é o contínuo fluir... Sua força dá a impressão de movimento eterno, mesmo quando avança no mar, revolvendo tudo que encontra pela frente. Bandeira imaginava a vida ideal como a do rio que segue seu curso sem a preocupação com os obstáculos do caminho, com as pedras ou galhos de árvores que possa encontrar. Defluir. Não parar para dormir a noite... Não parar...

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.

Se há estrelas nos céus, refleti-las.

E se os céus se pejam de nuvens,

Como o rio as nuvens são água,

Refleti-las também sem mágoa

Nas profundidades tranqüilas.

(Manuel Bandeira. In *Meus Poemas Preferidos*.)

Profundidades tranqüilas... Não para o imaginador de monstros e seres horripilantes. Para ele, as profundezas são moradas de grandes perigos e pavores. Desde os relatos de Cardim:

"...têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e perguntando-lhes a causa, dizião que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de bôa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabellos compridos, e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoarigpe sete ou oito léguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno, de oitenta e dois indo hum índio pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o índio quis ir ver o monstro, e estando descuidado por uma mão fora da canoa, pegou dele, e o levou sem mais aparecer, e no mesmo ano morreu outro índio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morte alguns índios. O modo que têm em matar he: abração-se coma pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a com sigo que a deixa feita toda em pedaços, ficando inteira e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levou alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontas dos dedos dos pés e mão, e as genitálias, e assi os achão de ordinário pelas praias com estes cousas menos". (CARDIM, 1980).

Os monstros das águas são inúmeros. Alguns vivem em cantos de norte a sul do país. É o caso do minhocão, grande serpente que vive nas águas doces, revolvendo assustadoramente as águas e revirando embarcações. No sul, vive em Tramandaí/RS, na Lagoa do armazém, enquanto no norte, habita as águas turvas do rio Cuiabá/MT, apavorando pescadores e navegadores que se consolam pela fé em Nossa Senhora, que surgiu nas margens serenas de um riacho em Livramento,

para um menino que a chamou de Princesa Branca de vestido Azul. Acredita-se que a cuidadosa senhora consegue dominar as forças do minhocão, e o mantém amarrado com seus fios de cabelo.

Desde o século XVI se conhece a lenda do misterioso homem peixe que carregava pescadores pro fundo dos rios da Amazônia. Ipuiara, terror das águas profundas, se transformaria, no XVIII, na sedutora Uiara ou Iara: "todo pescador brasileiro, de água doce ou salgada, conta histórias de moços que cederam aos encantos da bela Uiara e terminaram afogados de paixão" (RIBEIRO, 1980). Iara, apesar de bela e sedutora, é traiçoeira e seus encantos são fatais: sobe das profundezas das águas em final de tarde, transforma-se na sua figura humana e, magnífica, sai em busca de vítimas, como o índio Tapuia, que enfeitado e morto de saudade rendeu-se à força das águas.

Os mesmos temores tomam conta dos devaneios nas margens do São Francisco. Lá, é Mãe d'Água quem vem das profundezas quando, à meia-noite, o rio adormece e as águas param de correr por um minuto. Quando Mãe-d'Água sobe, a acompanham os afogados que vão para as estrelas. Os navegantes do rio dormente tomam cuidado para não despertá-lo, mas um pobre barqueiro cético, depois de um longo mergulho, veio ter com os companheiros que viram nos seus olhos como que um grande vazio. Apesar dos gritos dos amigos, lançou-se novamente nas águas, dessa vez para nunca mais voltar: caíra nos encantos da Mãe d'Água. Vidal (1950) falando do fascínio que os homens têm pela bela, lembra que os meninos, ao contrário dos adultos, têm verdadeiro horror à Mãe d'Água e acreditam tratar-se de uma mulher cheia de feridas, feiíssima, apavorante e que, por esta razão, deve ser evitada à léguas.

Destaca-se que as carrancas, figuras assustadoras esculpidas nas proas dos barcos, servem para afugentar a beldade e outros perigos das águas do São Francisco. Entre eles, o Caboclo-d'Água, gigante que mora numa gruta de ouro nas profundezas (RIBEIRO, 1980), que adora maltratar os pescadores, afugentando os peixes e revirando embarcações. Dizem que a oferta de um bom fumo pode acalmá-lo, mas qualquer tipo de ousadia com o monstro é castigada com a morte. Elba Ramanho e Beduíno cantam a seu respeito, em *Amanhã eu vou*:

Era uma certa vez
Um lago mal assombrado
À noite sempre se ouvia a carimbamba
Cantando assim: Amanhã eu vou...
A taboa laçou a donzela
Caboclo d'água ela levou
A carimbamba vive cantando
Mas Rosabela nunca mais voltou.

Tantos outros seres híbridos entre humano, divino e animal povoam as águas do mundo. Sem dúvidas, as sereias são as mais ricas e recorrentes imagens entre eles. Garcia (2007, p.22) fala sobre elas:

Multifacetada, aparece como virginal e etérea, monstro e, quando é mãe, é uma mãe fálica, sempre marcada pelos cabelos e a sensualidade, canto e poder de atração. A sereia produz um encanto que atinge além do ego, mobiliza poderes do inconsciente através da música e da beleza. Seduz e encanta porque tem o poder de tocar as profundezas do ser. A sereia é a sedução arquetípica.

Todo habitante ou transeunte das margens dos rios, como caçadores, são orientados a fugirem conscientemente do canto irresistível de mulher vindo das águas, rezar e se manter longe das margens. Tal recomendação, no entanto, diz-

se que é pura ilusão, já que uma vez sob os encantos de suas vozes é impossível resistir. A força da imagem das sereias talvez esteja mesmo no significado da sedução. Garcia destaca que seduzir - *se-ducere* - é conduzir à parte, guiar para outro lado, mudar a rota, deslocar. É certo que a sereia tem o poder de fazer os homens, depois de ouvi-la, desviarem-se do caminho, trazer à tona o oculto, o inconsciente: "a sereia dá voz à alma. E, o lugar da alma é o mundo imaginário" (*id.*, p.22).

Os corpos aquáticos eram já habitados pelas divindades das civilizações antigas. Oceano desposara Tetis, filha de Céu e Terra, para dar à luz à três mil ninfas Oceânidas. As sereias, por sua vez, nasceram do encontro da musa Calíope e do rio Aqueló. Eram chamadas *Parténope*, *Leucósia* e *Lígea*, nomes gregos que evocam as idéias de *candura*, de *brancura* e de *harmonia*. Outros dão-lhes os nomes de *Aglaufone*, *Telxieme* e *Pisinoe*, denominações que exprimem a doçura da sua voz e o encanto das suas palavras.

Rios de infância e seres encantadores. Helena Kolody lembra seu rio de infância. Fala, em uma de suas poesias - *Rio de Planície*, do amor que sentia pelo rio que separava Rio Negro e Mafra, o Rio Negro.

Minha vida é um largo rio de águas mansas
(...)
Rio sem a imponência das cachoeiras,
Sem o encanto verde das ilhas,
Nem o ímpeto rumoroso das corredeiras.
Sem grandes alegrias, nem profundas mágoas
Rio de planície ignorada;

rio, cujas águas
Passarão sem deixar memória
De sua silenciosa trajetória.

Em outra obra - *Fio d'água* -, Kolody transparece a busca da vida em calma, sem agitações ou grandes marcas: "Não quero ser o grande rio caudaloso [...] Quero ser o cristalino fio d'água... Que canta e murmura na mata silenciosa".

Quem não devaneou, quando criança, com as aventuras no reino das águas claras? O príncipe escamado de Lobato fez muita infância enriquecer-se com as imagens de seres fantásticos sob a superfície de águas cristalinas ou para além das cortinas de águas nas cachoeiras. Não só de horrores vivem os mitos de águas profundas... Os gregos já "viam" nas fontes, nas nascentes de águas cristalinas, as náiades ou efidríades, ninfas aquáticas que cuidam de rios, riachos e fontes. Na mitologia grega, podiam-se encontrar as belas jovens nas margens dos córregos, carregando pérolas em conchas. Todas as nascentes estão protegidas por uma náiade ou por muitas, irmãs. Uma delas era Aretusa, que cortejada pelo deus-rio Alfeu, fugiu mascarando-se em fonte e protegida pela Mãe Terra que impedia que as águas de Alfeu se misturassem às dela, entreabrindo-se e deixando que Aretusa nela penetrasse, evitando o encontro indesejado e seguindo seu rumo subterrâneo até aflorar em terras distantes (ilha de Ortígia). Para Bachelard (1997, p.84), "a água é a pátria das ninfas vivas e também a pátria das ninfas mortas", representando como nenhuma outra imagem a matéria da morte, feminina.

As águas povoadas por seres doces são sempre acalentantes. Elas cantam canções de ninar, silenciam na noite para que os animais descansem, pulsam às vezes no ritmo das batidas dos corações dos que as contemplam, como que para

convidar para a tranqüilidade e para que, na sua fluidez, se depositem sonhos para serem levados aos recantos mágicos do mundo e retornarem realizados. Foi na calma das águas de um lago que a índia Naiá encontrou-se com a Lua que tanto procurava. Conta a lenda tupi-guarani que quando a Lua se escondia no horizonte, sumindo entres as montanhas, ia se encontrar com suas virgens e as transformava em estrelas, levando-as para o céu. Era por isso que todas as noites, a princesa Naiá, desejosa de virar estrela, ia procurar a Lua no topo das colinas. Mas tudo acabava em profunda tristeza porque a Lua nunca lhe dava atenção, até a noite em que Naiá viu a Lua bem perto dela, no meio das águas claras de um lago. Certa de que a lua viera buscá-la, se atirou nas águas profundas do lago e nunca mais foi vista. Enternecida pelo desejo mortal da moça, a lua resolveu compensá-la transformando em uma estrela especial: estrela das águas, cujas flores exalam rico perfume e brancura à noite e um róseo suave no amanhecer, que se tornou conhecida pelo nome Vitória Régia.

Um pouco mais de concretude. Ainda quando são águas concretas, já não habitat de seres fantásticos, as águas guardam uma aura de encantamento. Águas de beber e de banhar são ainda forças que tomam nosso corpo e nossos espíritos sedentos: "traga-me um copo d'água, tenho sede e essa sede pode me matar...". Na música de Dominginhos e Anastácia - *Tenho sede* -, mais que necessidade, o desejo do frescor líquido, talvez o mesmo da analogia sensual de Nandina Veloso e Rosa Lobato de Faria, trazem a sensualidade da água de beber, comparando o prazer do amor ao prazer da água fresca:

...ris e dás-me a volta à cabeça.
Vem cá tenho sede, quero o teu amor d'água fresca".

Água de beber...
... Água de beber, camará...

(Vinícius e Jobim)

Beber é verbo que, quando dito, já nos dá a sensação de alívio, luta contra a *secura*, como se de um único gole de líquido gelado pudéssemos ser transportados pelo frescor da imersão em um riacho azul. Não é à toa que a idéia de descanso, de lazer e de momentos felizes é sempre regada ao prazer de beber. Para os adoradores de fluidos líquidos e da companhia de amigos, homenagem de Zé ramalho e Lula Côrtes, *De Gosto de Água e de Amigos*:

Nada tem o gosto do que nunca acaba
É como beber água na casa de amigos ...
Extrair do rosto, o estranho gosto do doce da água ...

(Zé Ramalho e Lula Côrtes)

E que se poderá dizer da singeleza de um poço? Essas pequenas edificações desenhadas em alguns cantos da nossa memória ganham destaque quando pensamos o encanto do brotamento das águas. Na calma das águas do poço, a serenidade nos convida a não ter pressa, a não ter lugar algum para ir, a esperar a hora em que alguém descerá um balde cantando para buscar as águas escondidas. Brincadeira de Francisco Figueira, *Tranquilo como Água de Poço*:

Ando bem devagar e de bem com a vida
Tô meio de valde
Mais tranqüilo que água de poço
Só esperando o laçasso do balde.

(Francisco Carlos Figueira)

E de lavar? A lida das mulheres na beira dos riachos, tratando de dar branco à rouparia. Imagem difícil pras mulheres que precisam de não mais que uma tomada e uma torneira para executar a tarefa, mas que persiste no imaginário como cena singular das vidas sertanejas. Cena expressa em *Lata d'Água*:

E lava roupa na cachoeira
Estende na pedra pra secar
Passa o dia limpando sujeira.

(Luis Antonio, Antonio de Pádua Vieira da costa e Jota Jr)

De águas que agarram pelas mãos de Iaras e Caboclos já falamos aqui, mas as águas têm também forças próprias que carregam corpos desatentos. E ainda quando trágicas, as capturas das águas nem sempre são terríveis: "é doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar...", cantava Dorival reverberando o desejo de muitos pescadores que tinham na morte aquática questão de honra e desfecho desejado.

Saveiro partiu de noite
e foi madrugada não voltou
o marinheiro bonito
sereia do mar levou
[...]
Nas ondas verdes do mar meu bem
ele se foi afogar
fez sua cama de noivo
no colo de Iemanjá...

(Dorival Caiy, *É doce morrer no mar*)

A literatura é vasta quando se trata das águas que agarram, do abandono do corpo para desencarnar na água. Não só a água faz parte dos movimentos e rituais da morte: o corpo, historicamente, é entregue a um dos quatro elementos para a transformação da matéria. Algumas civilizações entregavam-no ao fogo na cremação; outras à terra, porque segundo a religião católica, viemos do barro e devemos retornar novamente a ele; na consagração ao ar, a fumaça leva seus vestígios. Mas, em tom bachelardiano, talvez a mais poética de todas as mortes seja na água: corpo embalado pelo fluído materno, que acalma a alma fugidia. O devaneio das águas que agarram povoa a escrita poética. Cecília Meireles ilustra o devaneio dos fantasmas que habitam os mares, das pessoas que perderam suas vidas e deixaram seus corpos flutuando: "almas de todos os afogados chamam para diversos lados esta singular companheira." (MEIRELES, Antologia Poética, 2001).

No devaneio da morte na água o aconchego seria tão grande que a alma (fantasma) não deseja ir para o lugar da eternidade que as religiões crêem existir... Ou a alma continua flutuando em busca da sua matéria? Ou quer a água como eterna companhia? Bachelard (1997, p.95), destaca a disposição acolhedora, solidária, da água: "a água fechada acolhe a morte em seu seio. A água torna a morte elementar. A água morre com o morto em sua substância. A água é então um nada substancial. Não se pode ir mais longe no desespero. Para certas almas, a água é matéria de desespero."

Mário de Andrade, na voz de seu personagem Macunaíma, fala que "a água já foi gente igual a nós". Seria a água, na visão deste nativo, as almas dos que já partiram? Ou então a água se alimenta da matéria dos corpos que já desencarnaram em sua fluidez?

Não fatais, as águas drásticas podem ser ainda acolhedoras. A neve, dura e congelante, captura muitas pessoas, talvez pelo mistério da transmutação ou pela mágica brancura. Bachelard (1993), em sua obra *A poética do Espaço*, comenta a importância da neve para o Europeu: ela transmite uma sensação de aconchego, tanto que a primeira neve é esperada com ansiedade. É o momento em que as pessoas ficam em suas casas, junto à lareira. Momento de aconchego. Sensação de estar protegido do frio do exterior; deslumbre em apreciar a paisagem branca pela janela; leveza nas brincadeiras naquela brancura gelada.

As águas torrenciais representam sérios riscos a algumas comunidades que vivem em áreas de encosta e em regiões de relevo acidentado. São cada vez mais presentes, em nossos dias, relatos de destruição e de eventos catastróficos provocados pela força das águas, sem contar aqueles advindos da ousadia de represamentos mal planejados.

Essa é uma possibilidade
Em que poucos
Podem ter pensado
A água engolindo
E tragando as cidades
Tragédias surgindo
Por todos os lados...

(Tribo de Jah, Fogo e Água)

No entanto, vários habitantes de lugares tropicais encontram ainda sensação de aconchego durante as longas chuvas, principalmente quando estão dentro de casas seguras, em que não correm o risco de serem "visitados" pelas águas.

Aconchego: águas que caem, na sua pureza durante o devaneio da chuva, são águas claras, transparentes, matéria primordial que, ao contato com o solo e outras substâncias, compõem-se, metamorfoseiam-se. A força alquímica da água parece cativar definitivamente as curiosidades humanas.

Ela assimila tantas substâncias! Traz para si tantas essências! Recebe com igual facilidade as matérias contrárias, o açúcar e o sal. Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros. Compreende-se, pois que o fenômeno da dissolução dos sólidos na água seja um dos principais fenômenos dessa química ingênua que continua a ser a química do senso comum e que, com um pouco de sonho, é a química dos poetas. (BACHELARD, 1997, p97)

A mistura do elemento água com o elemento terra é necessário e fundamental na imaginação material, no devaneio da composição. A terra precisa da fluidez da água para dar forma e consistência à matéria. A secura dos desertos é algo de que sempre o homem se afastou. O desejo da chuva, o devaneio da água caindo é comum na literatura e na música. A *Súplica Cearense* de Waldeck Arthur de Macedo, também conhecido como Gordurinha, mostra muito bem o devaneio da água: na secura da terra o lavrador pede para Deus que venha água através da chuva. Quando a água é torrencial, o agricultor entra em desespero e novamente recorre aos poderes divinos para a chuva acalmar-se.

Oh, Deus! Perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há?

A chuva caindo traz leveza, fluidez, acalenta a alma, o coração. Mas transforma-se em tristeza quando vem com força maior que a desejada. A água para transmitir acalento tem que "chover, mas chover de mansinho", sem nenhum barulho além das gotas caindo no chão, acariciando a terra e assim se transformando em águas compostas que levam a fertilidade por onde passam, semeando a vida na terra. As que, ao apelo de Guilherme Arantes, "encharcam o chão e sempre voltam humildes pro fundo da terra...". Imaginário da água em encontro, fusão: a água da chuva se une a terra, seja na superfície ou nas profundezas. Na mesma música Guilherme mostra outra água composta, aquela que evapora e se mistura com outro elemento, o ar, que agrupa a água, evaporada em nuvens, ficando ainda mais leve, mais sublime: "água que o sol evapora, pro céu vai embora virar nuvens de algodão...".

O *Riacho Doce* do José Lins do Rego retrata as águas atraentes como transparências escondendo perigos ocultos: "fora ela a mãe escrava que a ajudara a vencer, a passar o rio tenebroso" (1939, p.97). As águas, sejam águas que agarram, águas torrenciais ou águas ameaçadoras, doces ou salgadas, podem causar pânico e carregar dores e riscos de morte: "o rio desobstruído, com eucaliptos novos pelas margens, e as febres continuavam a sair de suas entranhas" (*id.*, p.146). Medo causado não pela água em si, mas pelo que vem junto com ela. No *Riacho doce*, a tentação é muito grande, as pessoas têm muita vontade de entrar na água para banhar-se, mesmo sabendo que o Rio traz a "febre". Mesmo assim entram e, então, à noite começam a delirar com muita febre: "Viu o rio barrento entrando no mar, a água doce se perdendo num mundo de águas salgadas. Era um fio, uma língua minúscula que se intrometia pela imensidão. Lá para cima diziam que o rio era perigoso, que tinha forças contra os homens, que trazia as febres mortais" (*id.*, p.194). Pela mistura de águas, no

Riacho Doce, Lins do Rego dá ao mar um poder de purificação. A água que traz febres, quando entra no mar não oferece perigo algum; o rio só era perigoso quando estava sozinho sem a mistura da água do mar.

Mas o mar também é inspirador de alguns pânicos. Ele suscita tsunamis e regurgita animais que morrem em suas águas. Em *Riacho doce* (*id.*, p.196), há o relato: "a cabeça preta daquele boto aparecendo a seu lado lhe comunicara um pavor esquisito. O medo de morrer, de morrer devorada por um peixe, de ter as suas carnes retalhadas, comidas, fizera com que ela nadasse desesperadamente". Também apavora um mar com ondas violentas acompanhadas de fortes ventos, que embalam barcos de pescador...

Ainda que ameaçadoras, as águas parecem ser preferidas às suas ausências extremas. As águas secas estão presentes em cenários bíblicos de histórias de castigos divinos e em documentários dos horrores da imensidão desértica. Na literatura, quase sempre aparecem em imagens de homens e mulheres sofrendo a infertilidade da terra, de onde nenhum alimento pode ser apanhado. João Cabral, por exemplo, é exímio descritor das amarguras da seca, com sua *Morte e Vida Severina*. Seu devaneio da ausência da água no sertão mexe com os sonhos do homem sertanejo, ao mesmo tempo em que expressa a doce ilusão de riquezas no litoral, o mar como um eldorado, paraíso das farturas.

Ou será que aqui cortando

Agora a minha descida

Já não poderei seguir

Nunca mais em minha vida?

(será que a água destes poços
é toda aqui consumida
pelas roças, pelos bichos,
pelo sol com suas línguas?
será que quando chegar
o rio da nova invernia
um resto de água do antigo
sobrará nos poços ainda).

(J.C. Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, p.53)

O rio seca, a fonte seca. E o poço? O devaneio da seca traz consigo também as dúvidas: Será que ainda encontrarei fluidez nestas terras? Para onde foi toda a água dos rios? Será que foi toda para o mar? A secura da terra a carrega de infertilidade. Ela precisa da fluidez da água para espalhar a vida pelo sertão adentro. Junto com a infertilidade vem também a tristeza, a melancolia, a fadiga e a fome. Luis Gonzaga também poetiza a secura da terra na sua música *Asa Branca*: "que braseiro, que fornaia, nem um pé de prantação". Tristeza e morte em poesia: "por falta d'água perdi meu gado morreu de sede meu alazão". O sofrimento dos vivos, animais e vegetais, motiva a busca pela fluidez perdida em outras paragens, nunca abandonando o desejo voltar para a terra natal: "Hoje longe muitas léguas, numa triste solidão, espero a chuva cair de novo pra mim *vortá* pro meu sertão". A mesma esperança, acompanhada da certeza de que água voltará a se encontrar com a terra, em gotas acalentantes ou chuvas torrenciais:

O que falta aqui é chuva
Mas eu sei que um dia vem
Vai ter tudo de fartura
Prá que teja o que não tem.

(Jurandy da Feireirra, *Vida e Esperança*)

Há outra imagem da seca desenhada por Jurandy: a força do homem que enfrenta a falta de fluidez. Para sobreviver às dores seca, além da esperança, é necessário ser forte: "ser sertanejo, senhor, é fazer do fraco forte" (Jurandy). É a seca que torna o homem forte e não o homem forte sobrevive à seca, numa espera impossível de adjetivar: "Abro o curral da miséria e deixo a fome passar". Esta passagem reflete a força e a coragem de continuar lutando alimentados com a esperança da chuva e de uma água acalentante que voltará, que acalmará a sede, a alma, os animais, as plantas e a fome.

É também impactante a imagem da seca na canção *5 contra 1*, onde o povo recorre à Deus através de pedidos, sacrifícios, novenas e até burocracias como ofícios par falar e ser atendido pelo Divino. A água de cacimba, citada na música, para o sertanejo nordestino corresponde à nossa água de poço no sul do país, a diferença é que ela só existe em época de chuva.

Água de Cacimba

Água de cacimba só se tem quando chove...

Na lama não há afogados

E sim atolados no meio dos reis

Dividem com oriundos

Cumbucas de água enquanto não vem

A chuva que foi prometida

Por nuvens suspensas

Que encardiam os céus

Novenas e sacrifícios

Até um ofício...

Pra falar com Deus.

Faz-nos lembrar as rezadeiras que espalham suas vozes chorosas pelos cantos do sertão, pedindo a graça das águas caindo do céu. São quase os mesmos tons da encomendadeiras das almas que, pelos interiores da região, encaminham as almas aos seus destinos.

E até mesmo algumas almas necessitam da água para continuarem a vagar nos rios onde desencarnaram. Em nossos sonhos, as almas podem também morrer na ausência das águas. Que faria o barqueiro, do Complexo de Carronte, sem as águas para a travessia das almas para o submundo?

"Lata d'água na cabeça, lá vai Maria...": corpo fraco e magro, de uma mulher forte, equilibrando um balde na cabeça, em busca de água nos longínquos da casa. Luiz Antonio e Jota Jr nos dão essa imagem inesquecível de um movimento, de uma dança de devaneio fluido.

As águas carregam também em seus corpos a profusão do sagrado. Nascem das águas crenças que povoam fortemente o imaginário religioso das mais diversas comunidades humanas. No Brasil, a padroeira Nossa Senhora Aparecida, surge das águas misteriosas do Rio Paraíba do Sul, em 1717, cena que se multiplicou nas imagens da virgem imaculada por todo o país. Também no Mato Grosso, a imagem da senhora mãe aparece nas margens das águas de um rio. Há ainda Nossa senhora do Rocio no Paraná. Lavagens de santos, ofertas a divindades, em águas doces e marinhas, provam o potencial onírico associado à fluidez.

Também a cultura tradicional dos nossos colonizadores portugueses está repleta de locais de onde a água brota límpida, que são transformados em locais

de culto associados a milagres e aparições de Nossa Senhora, como sucede no Calvário, em Vila Praia de Âncora. Gomes (2010) destaca que a toponímia atesta a importância e a sacralidade desses locais com designações como Fonte Santa, Águas Santas, Fonte de Santo António ou Fonte de S. Gualter. Outras, porém, fazem alusão às mouras que povoam o imaginário popular, quais divindades pagãs que habitavam nas suas águas e lhes atribuíam propriedades mágicas. Segundo a crença antiga, elas apareciam geralmente na noite de S. João, penteando as suas tranças com pentes de ouro fino.

Na poética das águas, Bachelard fala da busca da cura através das águas, principalmente de fontes, onde acredita-se ter algum poder divino, milagroso.

Ao complexo da Fonte de Juventa liga-se naturalmente a esperança de cura. A cura pela água, em seu princípio imaginário, pode ser considerada do duplo ponto de vista da imaginação material e da imaginação dinâmica. Para o primeiro ponto de vista, o tema é tão claro que basta enunciá-lo: atribuem-se à água virtudes que são antitéticas dos males do doente. O homem projeta o seu desejo de curar e sonha com a substância compassiva. (BACHELARD, 1997, p.153).

Além da santa virgem, no imaginário nacional destacam-se as figuras de Iemanjá ou Janaína, rainha do mar, de Oxun, deusa das águas calmas dos rios, e de Nanam Buruku. Nanam é considerada a mais antiga divindade das águas. Sua imagem é associada às águas paradas dos lagos e pântanos, que lembram as águas primordiais encontradas no mundo, segundo a tradição Ifé ou de Oyó, quando Odudúá ou Oranmiyan criou a terra (Território de Yansa, 2010).

Muitos autores poetizam estas divindades, assim como Manuel Bandeira em sua poesia "Janaína". Percebe-se o respeito que o marinheiro ou pescador tem por esta divindade e o poder fluido que ela possui, eles não ousam entrar no mar sem antes pedir permissão para esta divindade, e acreditam que assim terão proteção.

Sarava, sarava
D.Janaína
Rainha do Mar!
D.Janaína
Princesa do mar
Dai-me licença
Pra eu poder também brincar
No vosso reinado.

(M. BANDEIRA, *Meus Poemas Preferidos*, p.99)

O sagrado e profano são dois opostos coadjuvantes em composições poéticas, assim como os elementos água e fogo. Na música *Água Benta* de Gilberto Gil, a qual faz referência à água usada no batizado para introduzir a criança nas crenças da religião, que está contaminada e acaba por fazê-la adoecer. Buscando a cura, usam novamente água através de um banho de ervas, ignorando os efeitos maléficos do líquido sagrado. Outro exemplo seria de João Cabral de Melo Neto no Livro *Morte e vida Severina*, no *Auto do Frade*, onde a água benta é usada juntamente com o incenso para purificar a "prenda", para limpá-la das impurezas do frade e do diabo.

Quando tiravam alguma coisa,
Vinham o incenso e a água benta.
Não era o frade a quem benziam,
Estavam benzendo era a prenda.
Queriam limpá-la do frade
E do diabo, se estava prena.
Queriam lavá-la de tudo,
do frade, do diabo e suas lêndeadas.

(J.C. Melo Neto, *Morte e vida Severina*, p.133)

Das águas sagradas às paradisíacas... Quais imagens de paraíso dispensam a presença de um corpo d'água dando suporte físico e aura etérea ao lugar? Da imaginação infantil às construções imaginárias complexas dos paraísos terrestres dos adultos, não há imagem paradisíaca onde falte o brilho das águas tranqüilas ou as forças das grandes quedas d'água.

Aoun (2001) destaca a existência no conjunto de livros sagrados da Pérsia (*Avesta*), um mito de *Paraíso*, como lugar de perfeição, clima suave e árvores mágicas, incluindo a árvore da vida de onde nasce uma água generosa. No legado greco-romano, o paraíso se encontra, inicialmente, remetido a um tempo passado não mais alcançável e, na idade dos heróis, deslocado para as ilhas como morada privilegiada nos confins da terra. Holanda (1994) destaca que as ilhas oceânicas são historicamente associadas ao paraíso, o que se pode exemplificar pelo arquipélago Afortunadas a oeste do Estreito de Gibraltar e a versão poética da lenda do horto das Hespérides, adotada pelos povos navegadores (gregos/fenícios) até os grandes descobridores.

Atualmente, a localização do paraíso terrestre se amplia, apesar das ilhas continuarem fortemente associadas ao conceito, para qualquer lugar onde se identifiquem as características a ele associadas, como a presença de águas límpidas, vegetação intacta, beleza cênica e que ofereça contato com animais (MARIN, 2003). Não é muito difícil constatar, em nossos dias, esse simbolismo, se fizermos uma triagem de folders e catálogos de propaganda turística, onde as águas invariavelmente estão presentes, em mares azuis, rios reluzentes e cachoeiras encantadoras.

As águas doces sempre pareceram mais dóceis e convidativas que as águas densas do mar. Bachelard (1997) considera que a água doce é a verdadeira água mítica e mantém alguma supremacia sobre a água salgada, parecendo os rios mais

receptivos. Enquanto os rios são associados à serenidade, o oceano parece despertar a sensação de fragilidade humana, oferecendo riscos e desafios. Para CUNHA (2000), o mar no imaginário ocidental é permeado pelo medo, pelo pavor, sendo espaço povoado por monstros e maldições. Mas ambos exercem forte atração sobre o ser humano.

No Riacho doce, os meninos entregavam-se à magia dos banhos de rio: “a água doce do Jacarecica traia-os. O banho era outra coisa que o banho do mar. A água pegava no corpo com outro agrado” (REGO, 2009, p.208). Mas Edna, outro personagem da obra, adorava ser possuída pelas águas salgadas do mar.

Encontrava-se muito longe das cabanas dos pescadores. Estava só ali, em frente ao mar.

Então, atrás de uma moita de guajiru, se despiu. O sol cobriu-lhe o corpo de luz. As suas carnes brancas, os seus peitos túmidos, os seus cabelos loiros iam ser das águas, do sol. (REGO, 2009, p.194)

E quem se entregaria às águas de um grande canal, no coração das grandes cidades? Difícil imaginar a sensação das águas que amadurecem, cansam e se submetem aos caprichos humanos. Ainda carregam algum mistério, talvez. Despertam cá e lá algumas imagens ou sensações de calma, mas sem tanta vivacidade, sem tanta mobilidade... Parece faltar-lhes a delicadeza das águas infantis. Parecem tornar-se excessivamente materiais.

Já não são sequer chamadas de água. Seus cursos perdem o status de rios, córregos, e são agora nominados mais grosseiramente: recursos hídricos; canais... Até seu nome perde um pouco de vida. Estão presentes, assim nomeadas, nas manchetes de enchentes, na propagação de doenças; no destino de resíduos; nos

projetos de saneamento. A interação humana com ela é de outro nível: não olhamos para as fontes de cimento de nossas praças e para os rios cercados das cidades procurando príncipes, sereias, monstros ou sinais de paraísos ou reinos encantados, mas índices de pH, metais pesados, espumas ou fortes sobreviventes... Os seres das fontes agora são anjos rígidos forjados em argamassas e marcos sombrios esculpidos em ferro. Nas represas, uma imensidão de estaticidade e turbidez, onde temos que dispensar alguma força até pra imaginar os peixes que habitam, trancafiados, as profundezas.

Parecem aí envelhecidas as águas, imobilizadas. Senhoras tristonhas.

Passeio: a graça da infância das águas; o encanto diante de seus segredos; as surpresas por suas revelações; o aprendizado de suas imprecisões; o acalanto de suas gotas... Dali a pouco, a sensação de seus humores: calmarias; contínuo movimento; eterna fluidez; leveza ou densidade; fúria e ameaça... Um pouco de devaneio nas águas sagradas, misteriosas, paradisíacas. Uns passos mais, o testemunho de águas tristonhas, envelhecidas, estáticas.

Envelhecendo com as águas, o testemunho da riqueza da gênese de tantas imagens... Um desejo: ter corpo líquido e pensamentos móveis e sensações fluidas.

Considerações finais

Ao final do percurso, gostaria de resgatar algumas considerações que dizem respeito tanto à escolha da forma de composição do texto quanto ao conteúdo das reflexões apresentadas.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar que a experiência de escrever, contando histórias, foi muito intensa e significativa. Percebi que muitas coisas que gostaria de expressar não teriam ido facilmente para o papel se não me sentisse tão à vontade como quem conta uma história. Um exercício que fez ressurgir em minha memória detalhes tão mínimos das minhas vivências que, penso, só puderam ser revividos pela motivação associada à liberdade experimentada no texto narrativo. Como mencionado, o texto não foi composto a partir de um interesse de criação literária, mas de uma expressão genuína de experiências vividas ou imaginadas, de onde se pudesse destacar nuances sutis que compõem um modo de viver. Dessa forma, considero que as composições apresentadas na segunda parte permitiram a formação de uma imagem complexa, mas bastante clara, da percepção ambiental construída ao longo das vivências narradas.

Com relação ao tema gerador das histórias e dos comentários - o lugar do imaginário da água na percepção - há um marcador constante no texto, que não pôde ser evitado, que pode ser traduzido como o detalhamento de um modo de viver, marcado pela intensa integração com a natureza, em especial com os corpos d'água, em comparação às imagens da água experimentadas no ambiente urbano. Em alguns pontos do texto, fiz questão de frisar que essa comparação era inevitável na narração de uma história de vida marcada por um trânsito não muito tranquilo entre lugares totalmente distintos, sendo a sensação de revisitação

nostálgica do passado, que aparece na escrita, perfeitamente genuína. No entanto, nesses momentos, também reforcei que essa comparação não tem apenas o sentido restrito de retorno romântico ao passado, mas que significa a possibilidade de colocar em evidência a importância associada aos lugares vividos e, sobretudo, as sutilezas dos modos de viver que esses lugares possibilitaram. Essa evidência valorativa é colocada num lugar bastante especial na trajetória: a de motivador da construção do futuro, tanto pela via de recriação de ambiências que possibilitem laços afetivos no espaço atualmente vivido, como de conversas que levem outras pessoas a se conscientizarem da possibilidade de diferentes modos de viver e a desejarem experimentar novas formas de olhar para os lugares que habitam.

Ouso dizer, a essa altura, que considero que a narrativa poderia ser estimulada como forma de possibilitar às pessoas a experiência de visitarem seus lugares vividos com olhares mais atentos, com uma nova sensibilidade. Penso que esse exercício pode levá-las a uma valorização de aspectos sutis de seus modos de viver e de seus lugares vividos, que se desdobre na consciência de que o ambiente é uma construção de todos os que nele vivem e de que é possível nele imprimir os aspectos que julgam importantes para sentirem-se afetivamente ligadas ao lugar. Para além do tema da percepção, sugiro que a narrativa pode ser disparador de novas compreensões no trato de outros assuntos, especialmente os que surgem tão recorrente e controversamente na educação, como valores, temas sociais contemporâneos, violência, etc.

A composição das "conversas" apresentadas na terceira parte do texto foi fundamental para que eu compreendesse as imagens que me chegavam do meu próprio relato. Durante o exercício da narrativa, freqüentemente me perguntava se teria alguma relevância imagens que apareciam em destaque, como as

associadas aos aspectos de ingenuidade, sacralidade, mistério, medo, no contexto da discussão sobre percepção. Com a leitura e sistematização das idéias a respeito do imaginário da água, compreendi que aqueles eram elementos de composição não só de um mundo fantasioso sobreposto à realidade, mas verdadeiros substratos da vida concreta. As imagens são originárias de nossa interação com as coisas, com o mundo e influenciam a forma como desenhamos nossos modos de viver e nossas histórias nos ambientes concretos. Daí, a importância de compreendê-las se quisermos visualizar a forma como nossas percepções desenharam o passado, nos situam no presente e nos encaminham para o futuro.

À questão com que freqüentemente me deparei, a respeito da relevância do trabalho para a educação, apresento não como resposta direta, mas como contorno: a idéia de que ao movimento, ainda que prematuro e imperfeito, de expressão criativa, não se deve interpor a pressão constante da justificação; a sugestão de que os estudos de percepção abandonem, ainda que temporariamente, a preocupação com a limitação do subjetivismo, a fim de permitir uma expressão mais livre de idéias e sensações que vão delineando, sem muita interferência, as imagens que querem ganhar visibilidade. Em síntese, deixo o desejo de que o presente texto seja lido como um compartilhamento, de quem expressa a própria história na expectativa de, em alguma parte, suscitar revisitações de lugares idos e desejos de ambiências a serem compostas.

Humores...

... Sinuosidades

Mobilidade...

...Fluidez!

Devanear? : verbo aquático.

Referências Bibliográficas

Referências citadas:

AOUN, S. A procura do paraíso no universo do turismo. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2001.

ARANTES, Guilherme. *Planeta Água (compacto)* - (WEA, Elektra) - [1981](#)

BACH, J.J; MARIM,A.A. **A percepção ambiental na pedagogia Waldorf: a fenomenologia de Goethe e a teoria dos sentidos de Steiner aplicados à educação ecológica.** OLAM Ciencia & Tecnologia. Rio Claro. Ano VII. Vol 7 nº1 p 427.2007.

BACHELARD, Gastón. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BANDEIRA, Mário. **Meus poemas preferidos.** 2º ed. São Paulo: Ediouro, 2002. p.99.

BARROS, Manoel. **Poemas Concebidos sem Pecado.** Rio de Janeiro. 2007.

Disponível em: <http://manoeldebarros.blogspot.com/2008/08/umda-didtica-da-inveno.html>

BRANDÃO, C. R. Comunidade Aprendente. In: In: FERRARO JR (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília:MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

Disponível em:

<http://www.cartilhasecia.com.br/educacao-ambiental/encontros-e-caminhos-formacao-de-educadoraes-ambientais-e-coletivos-educadores>

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (editado em nov. 1994).

BUARQUE , Chico. Interprete: Gal Costa. In **Água Viva**. Rio de Janeiro. Polygrams Records. 1978. LP.

CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. Disponível em: <http://www.consciencia.org/homens-marinhos-e-m-onstros-do-mar-dos-mariscos-dos-caranguejos-fernao-cardim>.

CHAUI, Marilena. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins fontes, 2002.

CORRÊA, S.A; MARIN, A.A; OLIVEIRA, S.F. **Trabalho de inserção no mundo da vida**: Significados para os desafios da educação ambiental diante do crescimento da urbanidade. *Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG*, 33(1):71-86, jan/jun. 2008.

COUSIN, C.S; GALIAZZI, M.C. **Navegar, Narrar e Pertencer**: Histórias constitutivas de educadores ambientais no Cordão Sul-Riograndense. VII ENPEC. 2009.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me Agora. As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista da Faculdade de Educação .1997. disponível em:
HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010225551997000100010&script=sci_arttext

FEIRA, Jurandy. *Interprete: Luis Gonzaga*. In *Danado de Bom*. Rio de Janeiro. RCA. 1984. LP

FELICIA, Vera L.G. *A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos*. São Paulo: Edusp, 1994.

GARCIA, Loreley. *Água em três movimentos: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas*. *Gaia Scientia*, v.1, n.1, p. 17-23, 2007.

GALIAZZI, Maria do Carmo. (Organizadora) **Narrar histórias para se constituir educador ambiental pela pesquisa**. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Vol 3, n.1-pp 171-185, 2008.

GOMES, Carlos. **Águas e fontes no imaginário popular**. Disponível em : http://folclore-online.com/textos/carlos_gomes/agua_fontes_imaginario_popular/index.html, acessado em 13/12/2010.

HOLANDA, S.B. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

KOLODY, Helena. **Sinfonia da Vida**. Curitiba: Editora Posigraf, 1997, p.29.

MARIN, Andreia Aparecida. **Percepção ambiental e imaginário dos moradores do município de Jardim/MS**. 206p. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas para vozes**. 4ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 53.

PEREZ, Carmem Lúcia. **Imagens calendoscópicas**: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/P0672502361322.doc

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**: Volume único. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 533

PORTER, Eleanor H. **Pollyanna**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

RCA TEIXEIRA, H; GONZAGA, L. Intérprete: Luis Gonzaga. In **Asa Branca**. Rio de Janeiro. Victor, 1947. Compacto.

RIBEIRO, Gonçalves. **Histórias e lendas do Brasil**. São Paulo: Apel Ed, 1980.

TUAN, Y.F. **Topofilia**. São Paulo, Ed. Difel, 1980.

VIDAL, Ademar. **Lendas e superstições; contos populares brasileiros**. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1950, p. 311-313

Sites: Sites:

<http://letras.terra.com.br/tribo-de-jah/155557/>. Acessado em 20/11/2010

<http://www.cdscompletos.org/mpb/gal-costa-agua-viva/aceso> em 11/09/22010

<http://www.gordurinha.neto.blogspot.com/> acesso em 11/09/2010

<http://www.scribd.com/doc/28684757/AULA-Roland-barthes> acesso em 26/10/2010

<http://www.terreirodeyansa.hpg.ig.com.br/.../nana.htm>

http://folcloreonline.com/textos/carlos_gomes/agua_fontes_imaginario_popular/index.html

<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/N%C3%A1iades>

<http://www.arteducacao.pro.br/Cultura/lendas.htm>

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/divindades.htm>

http://www.potyguar.com.br/folclore/index_arquivos/lendasbrasileiras.htm

Referências consultadas:

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4ed..Campinas, SP: Papirus, 1994.

BOSI, E. Educação e Sociedade: **Lembranças de velhos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

DELRIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. 2ºed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

KUHNEN, Ariane. **Sociedade e meio ambiente: criação de sentido na interação entre a pessoa e seus espaços de vida.** OLAM Ciência e Tecnologia, v.1, n.2, p62-78, nov, 2001.

MARIN, Andréia A. **Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental.** Revista em educação ambiental, v3, n.1, jan-jun. 2008.

_____. **A percepção no logos do mundo estético: Contribuições de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental.** Revista Portuguesa de Educação. Interações. n.11, p48-66, 2009.

MARIN, Andréia A; LIMA, André P. **Individuação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Simondon.** Educação em Revista. Belo Horizonte, v25, n03, p265-281, dez. 2009.

MARIN, Andréia A; SILVEIRA, E. **Cosmos e locus: dos significados da cidadania planetária à construção de mitos positivos do cotidiano no discurso da educação estética ambiental.** OLAM-Ciência & Tecnologia, Rio claro, Ano IX, v.9, n.2, p18, Jan-jul. 2009.

_____. **Ética, moralidade e educação ambiental.** Interciencia, Caracas, v. 29 n.3, p. 153-157, mar 2004.

_____. **Teoria Estética e Educação Ambiental.** 68p. Monografia (Especialização em Filosofia e Existência), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

_____. **Ética, estética e educação ambiental.** Revista de Educ. PUC-Campinas, Campinas, v.22, p.109-118, junho/2007.

_____. **A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética.** Interação: Rev Fac Educ UFG, Goiânia v.31,n.2, p.277-290, jul-dez 2006.

MARIN, Andreia Aparecida; OLIVEIRA, Haydée Torres; COMAR, Vito. **Percepção imaginário e educação ambiental.** OLAM, Rio Claro, v.5, n.1, p.188-201, maio/2005.

MELLO, Vera L.M.O. **A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005,p.9146-9165.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito** (seguido de *A linguagem indireta e as vozes do silêncio* e *A dúvida de Cézanne*). Trad.Paulo Neves e Maria Emantina G.G.Pereira.São Paulo: Cosac&Naif,2004^a.pp.123-143;13-15.

_____. **Conversas.** Trad.Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo:Maartins Fontes,2004b.

_____. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos A.R.Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.pp1-34.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia.** OLAM Ciência &Tecnologia,v.1,p14-28,nov,2001.

RIBON. **A arte e a natureza.** Trad. Tânia Pellegrini. Campinas,SP. Papirus,1991.

SANTOS, Douglas. **A Reinvenção e fenomenologia**: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. *OLAM Ciência & Tecnologia*, v.1,n.2,p.29-61,nov,2001.

SILVA, Adilson X. **Fé, perspectiva, filosofia e ciência**. Princípios. Natal, v.13 n.19-20,2006,p103-129.

SIMONDON, Gilbert. **L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information**. Grenoble:Millon,2005. (Collection Krisis).

_____. **Espaço e Lugar**: a perspective da experiência. São Paulo: DIFEL,1983.

